



CARTAS DE SUICÍDIO

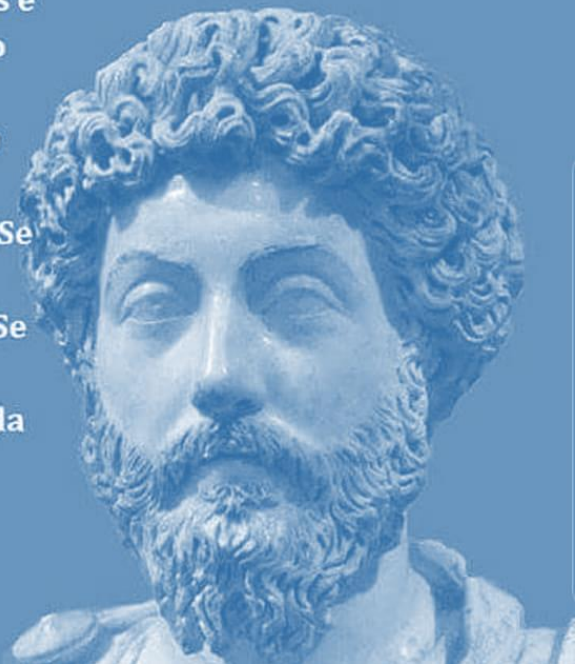
Ensaio literário

Resumo

Alguns campos de estudo, como sociologia, psiquiatria e grafologia, investigam as razões pelas quais as pessoas que completam ou tentam suicídio deixam uma mensagem

"Viva uma boa vida. Se há deuses e se eles são justos, então eles não vão se importar com o grau de devoção que você teve, mas irão acolhê-lo baseando-se nas virtudes pelas quais você viveu. Se há deuses, mas são injustos, então você não deve adorá-los. Se não há deuses, então você terá partido, mas terá vivido uma vida nobre que permanecerá na memória de seus queridos".

-Marcus Aurelius, Meditações



GLOSSÁRIO

Absonso. Secreto, oculto, incompreensível, escondido, incógnito.

Altruístico. Que se dedica ao próximo de forma desinteressada; abnegado, humanitário

Anacoretas. Monges abstinentes, penitentes, solitários, místicos, cenobitas.

Ascetas. Pessoas que renunciam ao mundo para adquirir um alto intelecto e espírito; diz-se também dos eremitas, abstinentes, faquires, místicos.

Átimo. Pequeno intervalo de tempo, num instante, ocasião.

Autoinflingir. Causar dor ou sofrimento em si mesmo; castigar-se. Auto + infligir.

Autoquiria. Autodestruição, autocídio, suicídio, autoextermínio.

Chave pública e chave privada. Método em que cada pessoa ou entidade mantém duas chaves: a pública, que pode ser divulgada livremente, e a privada, que deve ser mantida em segredo pelo seu dono. As mensagens codificadas com a chave pública só podem ser decodificadas com a chave privada correspondente.

Clérigos. Refere aos eclesiásticos, aos padres, párocos, sacerdotes, vigários.

Cripta. Refere a uma construção subterrânea, geralmente feita de pedra ou escavada no subsolo. Construções no subsolo de igrejas; espaço para enterrar pessoas ou relíquias.

Cripta. Exprime a noção de oculto ou escondido, como a criptografia, ou criptojudeo. Termos relacionados incluem: criptojudaico, criptógrafo, criptobrânquio, criptografia, criptanalítico.

Criptografia. Escrita secreta, em cifra, isto é, por meio de abreviaturas ou sinais convencionais. Inclui: criptografar, criptologia, criptógrafo, criptografia, críptico, criptográfico.

Entusiasmo. Sentimento que inspira outras pessoas a fazer melhor, promove o “estado de exaltação da alma”, desperta o interesse e a alegria de fazer, de se envolver com boas ações.

Notas da cripta. Criatividade, talento, em contar histórias ocultas.

Saussure. Um sistema de signos formados pela junção do significante e do significado, ou seja, da imagem acústica e do sentido.

Significado. É o conceito, o ente abstrato do signo.

Significante (ou significância). É o elemento tangível, perceptível, material do signo.

Siso. Responsável, ajuizado; prudência, discernimento, sensatez, equilíbrio, perspicácia.

Talmude. (do hebraico) Uma coletânea de livros sagrados dos judeus, um registro das discussões rabínicas que pertencem à lei, ética, costumes e história do judaísmo. É o texto central para o judaísmo rabínico.

Sumário

GLOSSÁRIO	2
Enquadramento	5
Razões	
Razão (utilidade) e sentimento (criatividade)	6
Sobre as mensagens da <i>Cripta</i>	7
Religiões condenam o suicídio	14
Nascer, viver e morrer	15
Percepção do mito do herói	15
Percepção de Deus	16
Percepção da Ciência	17
Percepção das religiosidades	17
Suicídio altruísta	
Repensando a Mitologia	21
Repensando a imprevidência	21
Repensando o suicídio	22
Ah! Se os deuses pudessem morrer	23
Uma resposta ao suicídio	24
Efeito dominó do suicídio	24
Suicídio em grupo	24
Suicídio revolucionário	24
Suicídio solidário	25
Suicídio copiado	26
Suicídio glamoroso	26
Suicídio com glamour sexual	27
Suicídios gloriosos	27
Padre anchieta – o herói e seu poema à virgem	29
A paz de Iperoig	29
Esquadrão suicida de Chernobyl	29
Herói de chernobyl comete suicídio	30
Esquadrão suicida – história em quadrinhos	30
Maior suicídio em massa da história moderna	30
Suicídio de baleias – Fato ou ficção	31
Estados Unidos, Califórnia: 1997	32
Jonestown, Guiana Inglesa: 1978	32
Voo Germanwings 9525	32

Voo Linhas Aéreas de Moçambique 470.....	32
Voo da Singapore Airline.....	32
Voo suicidas em 11 de Setembro 2001 nos EUA	32
Desastres aéreos	33
Suicídio anômico (Émille Durkhein)	33
O herói morto.....	33
ANEXO A.....	37
Nota de óbito planejado - 1	37
Nota de óbito planejado - 2	39
Destino seguinte.....	39
Mais recente.....	39
Nota de óbito planejado - 3	40
ANEXO B	41
Corruptela do poema de Álvaro de Campos.....	41
ANEXO C	42
Desistiu do suicídio e matou	42
A colisão	42
Entre mortos e feridos	42
Os desdobramentos	43
Caos familiar.....	43
ANEXO D.....	44
Fragmentos (auto) biográficos nas mensagens de adeus de suicidas	44
1. A escrita para além da vida e da morte	44
2. As mensagens de adeus na Comarca de Toledo/PR: o tema do amor.	45
AUTORAS.....	47
IMAGENS EM DOMÍNIO PÚBLICO	48
O suicida (Folha de rosto)	48
O desespero (abaixo)	48
SOBRE O ESCAVADOR	48
Lei Nº 12.527/2011 [Confira o Aviso Legal]	48

Enquadramento

Uma “carta de suicídio” ou também chamada de “nota de óbito planejado” é uma mensagem deixada por pessoa que pratica o suicídio ou tem a intenção de morrer por suicídio. Um estudo que examinou “cartas japonesas de suicídio” estimou que 25-30% dos suicidas deixam uma “nota”. No entanto, as taxas de incidência destas “cartas (ou notas)” podem estar relacionadas a diferenças étnicas e culturais, e podem atingir taxas de até 50% em certos grupos sociais. Uma mensagem de suicídio pode ser expressa de muitas formas ou meios, mas os métodos mais comuns são por nota escrita, e mensagem de áudio ou vídeo.

Uma definição possível

Define-se o suicídio por se matar ou procurar a morte de forma consciente e intencional. O Suicídio e tentativas de suicídio são temas já bastante estudados mas, pela complexidade, continuam indefinidos e com contornos vagos. A definição da tentativa de suicídio posiciona a ação como autoagressão, intenção autodestrutiva e uma vaga consciência do risco de morte.

Pontos de vista no ano de 2021

Sob o ponto de vista médico essas temáticas podem ser enfocadas sob diversos aspectos que incluem o filosófico, religioso, sociológico, antropológico, psicológico, estatístico entre outros. Dentro de perspectivas mais atuais, ou seja, no contexto mundial da pandemia COVID-19, que apresenta alto potencial de contágio, a ênfase ao suicídio é dada na intersecção dos aspectos psicológicos e sociais e examinado por reflexões em torno da visão de morte iminente.

No Brasil

No nosso país a maior prevalência de casos notificados de lesão autoprovocada, assim como de tentativas de suicídio, se encontram na faixa etária entre os 20 e 49 anos (dados de 2017 – cinco anos antes da Covid). O abuso de álcool e outras drogas, sofrimento psíquico, vulnerabilidade financeira e social são fatores de risco importantes, por isso, a atitude suicida não deve ser interpretada apenas como decorrência natural da história de vida da pessoa.

Nesta obra os autores investigam outras formas de interpretar as mensagens de autoquiria comparando elementos de diferentes ambientes sociais e fatores preponderantes da cultura, **incluindo os mitos.**

Mensagens de óbito planejado

Alguns campos de estudo, como sociologia, psiquiatria, grafologia e mitologia, investigam as razões pelas quais as pessoas que completam ou tentam o autoextermínio deixam uma mensagem. De acordo com um grupo de estudos da Escola de Medicina da Universidade de Utah, EUA, os motivos mais comuns pelos quais as pessoas que planejam autócídio optam por escrever uma nota incluem uma ou mais das seguintes **razões**:

- ✓ Para aliviar a dor de seus entes queridos, buscando eximi-los de culpa.
- ✓ Para aumentar a dor das pessoas de seu relacionamento, atribuindo culpa.
- ✓ Para explicar o motivo do suicídio, que pode ser um ou vários.
- ✓ Para expressar pontos de vista e sentimentos que foi incapaz de expressar em vida.
- ✓ Para dar instruções de como quer que seus restos mortais sejam eliminados.

Razão (utilidade) e sentimento (criatividade)

É com a percepção (razão) que se identificam utilidades nos elementos da natureza, e é com gosto (sentimento) que se adiciona criatividade à natureza. O indivíduo encontra na razão soluções para suas necessidades e no gosto o sentimento da sua criatividade relacionada às utilidades. É importante diferenciar a razão pelo propósito de utilizar os elementos naturais, do gosto (sentimento) pelo propósito de moldar os elementos naturais.

A razão está relacionada ao benefício de se obter algo, como ao fazer um martelo de pedra, enquanto o gosto está relacionado ao sentimento, como ao polir a pedra do martelo e pintá-lo o cabo. O uso da coisa auferida pela razão poderá servir tanto à virtude como ao vício – uma dualidade que resulta dos sentimentos que moldam a coisa. Em resumo, a razão permite descobrir a natureza e o gosto em recriar a natureza de forma a satisfazer os sentidos.

A moral resulta de um código social relacionado às paixões, volições e ações humanas. A moralidade é determinada puramente pelos gostos, sem que seja necessário estar embasada pela razão. A moral está inserida nas criações que determinam se as ações de moldar a natureza são em prol das demais pessoas (benevolência) ou unicamente para si (egoísmo/vício). Tanto sendo pela benevolência como pelo egoísmo/vício não haverá exclusão nem de um e nem de outro, mas sempre um concorrendo com o outro. É por causa desta disputa entre virtude (altruísmo) e vício (egoísmo) que se torna necessário encontrar um critério para garantir um equilíbrio, visando uma coexistência pacífica desses dois sentimentos. A gestão do equilíbrio precisará interpretar o âmbito da ação, discernindo se efetivamente é de utilidade pública ou privada. Em face da miríade de interesses que entram na esfera do público e do privado é que tem início um processo complexo para gerir o equilíbrio, entre o egoísmo e o altruísmo. Mesmo quando encontrado, esse equilíbrio é instável e precisará ser mantido, considerando as inúmeras interferências e mudanças de objetivos que se passam no andamento: hora está no interesse público para que não coíba o privado, e vice-versa. Por exemplo, identificar uma pedra para produzir um martelo de grandes proporções tem início na iniciativa privada, mas ao se tornar também de utilidade geral, surge a necessidade de fundar o Estado, com a função de gerir o equilíbrio do uso público do martelo, legitimando a segurança de todos. Se o Estado criado para gerir o equilíbrio falhar em garantir a segurança pública será considerado injusto, ou seja, não houve justiça. Quando a justiça é separada do sentido original do Estado, dá origem a uma “virtude construída” em que é preciso instituir um sistema de normas sociais e operacionais. Portanto, a justiça orienta-se pelo valor da utilidade, ou seja, àquilo que cada indivíduo e comunidade podem legalmente usar em autodomínio. A utilidade é um valor-meio e não um valor-fim. Há que se reiterar que as coisas não são úteis em si mesmas, mas como instrumentos de realização de um interesse de alguém ou de um grupo e têm um valor que pode ser apreciado em dinheiro. Não é por outra razão que o dinheiro é a mola propulsora da atividade econômica de uma sociedade, e, é nesse ponto em que a economia se separa da política para ser uma ciência autônoma, que não tem a mesma perseverança em garantir as premissas racionais (razão). Por exemplo, o meio ambiente tem valor econômico atribuído e estimado em dinheiro, não somente o material, mas também o visual. O uso racional (razão) dos recursos naturais em toda a sua magnitude está consignado ao equilíbrio entre o interesse público (benevolência/altruísmo) e o interesse privado (vício/egoísmo). Essa proporcionalidade harmônica precisa ser mais bem compreendida, a partir da interpretação dos benefícios que racionalmente precisam resultar das taxas,

impostos e royalties, quando esses valores monetários são bem administrados pelo poder público, em favor do público e não somente do privado, e menos ainda em detrimento do privado. Pode parecer complexo e pode ainda ficar muito complicado gerir esse equilíbrio quando não se consegue distinguir onde está a separação do que é público daquilo que é privado. É nesse sentido que está a dor de pessoas que se sentem preteridas, não apenas pelo ente do Estado, mas do equilíbrio dentro da família ou em comunidades, daqueles muitos que são atingidos pelas ações de poucos e inações (indolência).

Segundo Angerami-Camon et al., (1994), é pouco provável que a razão seja encontrada em função de um episódio isolado na história do indivíduo. Sabe-se que doenças físicas e mentais, conflitos de relacionamento, abuso e violência na infância, incapacidade de aceitar a perda de pessoa querida e histórico familiar de suicídios ou de tentativas podem estar na base da razão.

O suicídio pode vir como a razão (utilidade) em resposta ao desequilíbrio, e as **mensagens da cripta** buscam traduzir o sentimento (criatividade), revelando a injustiça que subjaz à ação.

Sobre as mensagens da Cripta

Quando o suicida não deixa uma nota ou carta, o médico legista busca interpretar mensagens que podem ser encontradas no corpo do suicida. O médico legista, no exercício da sua função (necropsia) aciona duas chaves intimamente ligadas. As propriedades matemáticas reveladas por essas duas chaves são tais que podem ser denominadas de *mensagens criptografadas*, ou seja, que precisam ser decifradas utilizando a **chave pública** e a **chave privada**, essa última de propriedade unicamente pessoal. Nem todos os profissionais de necropsia estão aptos a *descriptografar* comunicados post mortem. Essa tranca que somente se abre com o uso criterioso das duas chaves, tem a finalidade de garantir a confidencialidade (segredo) do dono do corpo autodestruído, o autor do recado.

Os suicidas das “Cartas que não foram escritas” são os que determinam ser necessário decifrar as “notas da cripta”; aquelas confissões absconsas, secretas, escondidas no corpo, e que precisarão ser descriptografadas. **Este é o sentido desta obra**. Discorrer sobre um duto dialeto que não é intencionalmente grafado, mas que lá fica encriptado no ato de autoinflingir a morte. As *notas da cripta* consistem em um idioma furtivo, que depende de profunda sensibilidade dedutiva do intérprete e de ternura empática para ganhar o direito de acessar as chaves (pública + privada) que ao destrancar confessam o que estava camuflado.

Ao descriptografar as mensagens não escritas, fatores culturais e socioambientais são colocados em perspectiva, corroborando com a busca pelo entendimento dessa sorte.

PREVENÇÃO DO SUICÍDIO

As ações sociais com foco em prevenir o suicídio precisam incluir propostas com maior grau de percepção do fenômeno, em vez de apenas insistir na mentalidade geral que suscitam políticas e práticas de saúde. Está evidente que isso não é suficiente, uma vez que de tempo em tempo novas “razões” são inculcadas como justificativas de tirar a própria vida, ou pelo menos tentar.

Em contextos de pandemias, é esperado que ocorra um agravamento dos fatores de risco de morte planejada devido ao medo da infecção e perda grave de vários entes queridos (LU, 2015). O adulto, responsável pela renda familiar, pode se sentir culpado ao perder o emprego devido a política de “lockdown” imposta por autoridades que, por não saberem como agir, ameaçam a dinâmica laboral, impondo normas de isolamento social como paliativo à situação

de risco de infecção. Neste ambiente de incertezas científicas e da certeza de perda do poder de garantir o sustento de seus familiares, o suicídio pode ser colocado em perspectiva. Essa condição, provavelmente, se tornará uma preocupação premente à medida que a pandemia tem efeitos de longo prazo, complicando a economia e atingindo frontalmente grupos vulneráveis.

Por exemplo, no final do ano 2019, um surto de pneumonia se espalhou na população mundial, causado por um vírus denominado de SARS-CoV-2, (COVID-19), originado na China, o que obrigou os diferentes países a se mobilizarem para enfrentar as consequências da contaminação na saúde e na economia. A quarentena, forma principal de contenção da velocidade da contaminação pela COVID-19 e da letalidade, adotada em várias regiões do mundo, promoveu o isolamento e o confinamento de muitas pessoas e a mobilização de um contingente significativo de profissionais da saúde para o enfrentamento da situação da crise. A dimensão global dos reflexos da COVID-19, fez com que a Organização Mundial de Saúde (OMS) reconhecesse a sua transmissão como uma pandemia (ZWIELEWSKI et al., 2020).

É esperado que uma pandemia, nas proporções da Covid-19, promova instabilidade psíquica e desencadeie reações que possam potencializar pensamentos e atos suicidas. Nesse sentido, é importante promover estratégias que permitam contrabalançar os sentimentos negativos e reenquadramento dos planos de vida. (pertencimento – autoestima)

No Brasil, os índices de suicídio têm aumentado, com atenção maior a população idosa. Dados do Ministério da Saúde, divulgados em 2018, apontavam para a alta taxa de suicídio entre aqueles com mais de 70 anos. Nessa faixa etária, foi registrada a taxa média de 8,9 mortes por 100 mil nos últimos oito anos. A taxa média nacional é 5,5 por 100 mil.

Durante a pandemia da COVID-19, a necessidade de adoção de estratégias de isolamento e distanciamento social demonstraram ser emocionalmente desafiadoras para a população, considerando o resultado do estudo realizado em Hong Kong, acerca do impacto de doenças respiratórias como a Síndrome Respiratória Aguda Grave (SARS) que influenciou o aumento do suicídio entre idosos devido ao medo de contrair a doença e daí se tornar um fardo para a família (YIP et al, 2010).

O SUICÍDIO NO CONTEXTO DA PANDEMIA COVID-19

O vírus SARS (SARS-CoV2) causa a doença (COVID-19) que em alguns casos atinge o Síndrome do desconforto respiratório agudo (ARDS) e um resultado fatal. (OMS, 2020). Devido a alta contagiosidade do vírus e o aumento do número de casos confirmados e com base na experiência de epidemias e pandemias passado, sabe-se que os pacientes e o pessoal de saúde podem sofrer de situações de medo da morte e sentimentos presentes de solidão, tristeza e irritabilidade. (OMS, 2020). Associado ao isolamento, as incertezas, ao medo de perder entes queridos e a recessão econômica podem tornar vulneráveis crianças, adolescentes e suas famílias (GOLBERSTEIN, et al., 2019). Este cenário tende a suscitar ou agravar o sofrimento e consequentemente os problemas de saúde mental, em especial a depressão e ansiedade, aumentando o risco do comportamento suicida.

A violência familiar, a qual a população está diariamente exposta, consiste em condutas ameaçadoras ou atitudes agressivas no ciclo familiar, que podem ser físicas, econômicas, psicológicas, além de abuso sexual de crianças, mulheres e agressões entre parceiros. Em virtude de as contenções efetuadas a fim de se promover o isolamento social em todo o

mundo, os indivíduos que sobrevivem em condições voláteis de agressividade familiar estão restringidos às suas residências. Embora necessário, o isolamento também exacerba a vulnerabilidade pessoal e coletiva.

Se faz importante ressaltar que a pandemia pode afetar adversamente outros fatores desencadeantes de suicídio. As respostas de saúde pública devem garantir que aqueles que enfrentam a violência interpessoal sejam apoiados e que mensagens de consumo seguro sejam comunicadas. O isolamento social, o aprisionamento e a solidão contribuem para o risco de suicídio⁷ e tendem a aumentar durante a pandemia, especialmente para indivíduos enlutados. Fornecer apoio comunitário para aqueles que vivem sozinhos e encorajar famílias e amigos a fazer o check-in é útil. Ajuda facilmente acessível para indivíduos enlutados é crucial.

O acesso aos meios é um importante fator de risco para o suicídio. No ambiente atual, certos meios letais (por exemplo, armas de fogo, pesticidas e analgésicos) podem estar mais prontamente disponíveis, armazenados nas casas. Os varejistas que vendem esses produtos devem estar especialmente vigilantes ao lidar com indivíduos em dificuldades. Governos e organizações não governamentais devem considerar restrições temporárias de vendas e entregar mensagens cuidadosamente estruturadas sobre como reduzir o acesso a meios de suicídio comumente usados e altamente letais.

As consequências relacionadas ao suicídio da pandemia podem variar dependendo das medidas de controle de saúde pública dos países, estruturas socioculturais e demográficas, disponibilidade de alternativas digitais para consulta face a face e suportes existentes. Os efeitos podem ser piores em locais com poucos recursos, onde a adversidade econômica é agravada por apoios de bem-estar inadequados. Outras preocupações nesses ambientes incluem os efeitos sociais da proibição de reuniões religiosas e funerais, violência interpessoal e trabalhadores migrantes vulneráveis. O estigma e a desinformação relacionados ao COVID-19 podem ser particularmente agudos nesses ambientes; muitas das soluções propostas acima serão aplicáveis globalmente, mas esforços adicionais serão necessários em locais com poucos recursos.

O impacto desta pandemia sobre o risco de suicídio vai variar conforme vários fatores, como as características demográficas e socioculturais; o funcionamento e as estratégias dos serviços públicos de saúde; o alcance de estratégias de atendimento e auxílio remoto à distância e da estrutura já disponível. Tal impacto pode ser maior em locais onde as adversidades socioeconômicas também são maiores. O limitado apoio social que essas populações recebem contribuem para um maior risco. Outros agravantes seriam: a violência, o efeito sobre os imigrantes (que geralmente constituem uma população vulnerável) e a temporária proibição de reuniões religiosas ou funerais. A desinformação e o estigma provocado pela doença atuam como agravantes nesse contexto.

A atual situação pode desencadear sofrimento em algumas pessoas, predispondo uma população vulnerável ao surgimento ou piora de transtornos mentais, incluindo a ideação suicida. Apesar de as consequências para a saúde mental já serem sentidas agora, é possível que observemos um aumento do número de casos num futuro próximo. Sabendo disso e munidos pelas já conhecidas estratégias de prevenção, podemos nos prepara

SOBRE A ETIMOLOGIA

Etimologicamente, o fonema suicídio define-se como *sui* (de si mesmo) e *caedes* (ação de matar), portanto matar a si mesmo. Define-se ainda como auto eliminação consciente, voluntária e intencional. Num sentido mais amplo, inclui processos autodestrutivos, inconscientes, lentos e crônicos. (VENCO & BARRETO, 2010)

Segundo Levy (Apud KOVÁCS, 1992, p.165), a tentativa de suicídio é um ato deliberado de agressão em que a pessoa não tem certeza da sobrevivência, manifestando uma intenção autodestrutiva e uma consciência vaga do risco de morte. Ainda de acordo com Kovács (2014) o suicídio é um tabu e “este tema é o mais difícil e complexo de ser abordado no espectro de interdição da morte na sociedade ocidental contemporânea, e nenhuma teoria ou abordagem única dá conta de sua diversidade” (p. 229). A autora, inclui o suicídio numa série de situações complexas, vagas e indefinidas. A concretização do suicídio, para a estudiosa, depende da intencionalidade do ato e dos comportamentos autodestrutivos, tais processos crônicos são lentos e muitas vezes inconscientes; são atos de agressão contra si cujo ápice da manifestação autodestrutiva é o suicídio (KOVÁCS, 1992, 2013). É válido considerar suicídio quando o indivíduo tem consciência do seu ato, ou seja, tem de estar lúcido perante a realidade. A intenção autodestrutiva é distinta do suicídio. Diante da intencionalidade do ato, deve ser considerada a possibilidade de reversão do método empregado para morrer e as providências que tornam possível a intervenção de terceiros. Outro aspecto a ser investigado é se a morte é um desejo primordial ou se há outros fatores envolvidos neste ato.

Segundo Durkheim (Apud KOVÁCS, 1992, p.170), o suicídio é um ato desesperado de alguém que não quer viver. É um ato individual com características da sociedade que o produz, é complexo, indefinido e com contornos vagos. O suicídio é um homicídio intencional de si mesmo. É uma renúncia à existência.

Cassorla (2004, 2017) afirma que o suicídio provoca a tomada de consciência de que podemos escolher a forma e a hora de nossa própria morte. Também pode ser um pedido de ajuda como uma forma da pessoa comunicar seu sofrimento e uma tentativa não consumada pode ser uma mensagem de desespero.

Para Fukumitsu (2013) a escolha do suicídio passa por um crivo individual que repercute na esfera pública. Essa concepção permite considerar a morte voluntária em duas possíveis compreensões: o suicídio como finalização de um sofrimento individual que pertence ao universo íntimo do sujeito e, ao mesmo tempo, o ato gera impactos na saúde pública e afeta pessoas próximas, principalmente a família.

Silva, Sougey e Silva (2015) discutem o estigma que se desenvolve após a tentativa de suicídio, podendo desencadear inúmeras repercussões na vida das pessoas como a marginalização, exclusão e rotulação. O suicídio é a mais interdita das mortes sendo um fenômeno silenciado na sociedade ocidental contemporânea (MARQUETTI, 2011) visto que se trata de um assunto que causa perplexidade, que permanece na sombra e do qual a sociedade desvia o olhar. Provoca sentimento de impotência aos enlutados e revela a discriminação sofrida pela pessoa que escolhe a via da própria morte como alternativa à vida.

Histórico

Cada cultura apresenta uma particularidade específica no que se refere ao suicídio. Segundo estudos antropológicos, em sociedades primitivas, o suicídio apresenta diferentes configurações, oscilando entre aceitações e rejeições. O antropólogo Westernack (PERES, et al., 2020) levantou algumas motivações que conduziam os primitivos (sociedades tribais) ao suicídio e de acordo com seus dados pôde observar: desencontro amoroso ou ciúme; doença ou idade avançada, escravidão ou maus-tratos pelo marido, remorso, vergonha ou orgulho ferido, raiva ou vingança. Nas sociedades tribais o suicídio correspondia a uma tentativa de reabilitação do indivíduo no grupo, quando este sobrevivia, ou de sua imagem no imaginário coletivo, no caso do suicídio com êxito. O suicídio estava ligado às normas do grupo, podendo ser incentivado quando havia infração às regras deste grupo.

De acordo com Kalina e Kovadloff (Apud KOVÁCS, 1992, p.169) na antiguidade greco-romana o suicídio era um ato clandestino, patológico e só seria avalizado com o consentimento da sociedade. Em Atenas, no século IV, a mão do indivíduo era cortada e enterrada longe do restante do corpo, para se evitar uma posterior vingança do morto. O objetivo de tal ato era o de destituí-lo do poder de assassinar os vivos (DIAS, 1991, p. 39). Em Roma o indivíduo deveria submeter ao senado as suas razões de morrer (KALINA, KOVADLOFF, Apud KOVÁCS, 1992, p. 169). As pessoas que se enforcassem eram privadas de sepultura. Os suicídios de militares e dos condenados pela justiça eram reprovados e proibidos sob pena de terem seus bens confiscados pelo estado (DIAS, 1991, p.39).

Na Idade Média, o indivíduo e sua vida pertenciam a Deus e o sujeito era castigado quando tentava se apoderar da vida que não lhe pertencia (KALINA, KOVADLOFF. Apud KOVÁCS, 1992, p.169). Santo Agostinho coloca que o suicídio era uma “perversão detestável” e “demoníaca” e que o “não matarás” da Bíblia estendia-se a “não matarás a si próprio”. A igreja lança mão, nessa época, de todos os recursos disponíveis para a repressão do suicídio. Considerava o indivíduo suicida como um traidor da humanidade, um discípulo do demônio (p.39). Santo Agostinho só admitia o suicídio no caso em que Deus o provocasse por uma ordem direta dirigida à consciência do indivíduo. A partir de então, os cristãos passaram a ver o suicídio como uma forma de contestação, de denunciar o que torna a vida inviável (p. 48).

As sociedades contemporâneas que estão totalmente voltadas para o progresso e para a produtividade, entendem o suicídio como um ato de rebeldia, como uma afronta, uma agressão. Segundo Kovács (1992, p.169), na atualidade existe uma maior autonomia, não existindo mais castigo imposto pelo estado e para esta autora a maior causa de suicídios, no Ocidente, é a solidão e o sentimento de irrelevância social. Entretanto percebe-se que o suicídio constitui um tema privado, uma tentativa de negação completa da dor, do sofrer e da morte. Deste modo acaba sendo incluído dentro das coisas que não se dever fazer ou falar. As tentativas são acompanhadas de sentimentos de vergonha, embaraço ou culpa.

O Japão apresenta um alto índice de suicídios, que estão ligados à questão de honra de jovens que fracassam na escola e passam a ser considerados indignos perante a sociedade. Diante de tal pressão, os jovens se vêem obrigados a dedicar a maior parte do tempo aos estudos, o que reduz o tempo de lazer entre os mesmos. Segundo pesquisa realizada pelo governo japonês, tirar férias no Japão é até motivo de culpa, mesmo entre os adultos.

No Brasil, o artigo 122 do Código Penal, prevê punição para aquele que conduz alguém ao suicídio ou colabora com ele. O suicida está fora da lei, mas recebe o estigma de doente, o que torna o seu livre arbítrio relativo.

Pode-se observar que em diferentes culturas encontram-se diferentes maneiras de se abordar o tema suicídio, que deve ser compreendido de acordo com a ideologia de cada povo e de cada sociedade. Atualmente consolidou-se um novo olhar para o suicídio, pois antes a pessoa que se matava era considerada pecadora, agora é percebida como vítima de uma organização política e econômica que conduz o indivíduo à perda de sentido e ao desespero. O suicídio na atualidade passou a ser visto como um evento desconfortante e de difícil compreensão (BOTEGA, 2015).

Mello (2000) refere que atualmente há uma tendência de associar o suicídio aos transtornos psiquiátricos, principalmente à depressão. Para o autor, essa compreensão é questionável, pois o ato suicida não é decorrente de doença mental, sendo que não há nenhuma associação significativa entre a ideiação suicida e os transtornos mentais. No entanto, a literatura psiquiátrica atual refere que a presença de uma doença mental pode acarretar maior possibilidade de suicídio, constituindo-se como um dos fatores preditivos para o ato.

As compreensões atuais a respeito do suicídio estão fundamentadas nas concepções atribuídas à morte voluntária ao longo do tempo, embora o suicídio não seja mais considerado um crime, ainda é visto como transgressão religiosa e social (KOVÁCS, 2013; MARQUETTI, 2011). No que diz respeito às concepções sociológicas sobre o suicídio, Émile Durkheim (1858-1917) atribuiu aspectos sociais ao ato, definindo-o como “toda e qualquer morte que resulta mediata ou imediatamente de um ato positivo ou negativo, realizado pela própria vítima” (1987/2013, p. 14). Seus estudos sugerem que as constituições individuais, frustrações, misérias, doenças, disposições orgânico-psíquicas, doenças mentais, religiões, classes sociais, gênero e a natureza do ambiente físico exerçam influência sobre as taxas de suicídio, tornando o indivíduo mais propenso a tal ato. Contudo, o autor faz uma ressalva ao apontar que esses fatores não são determinantes para o ato e sim “são as tendências da coletividade que, penetrando os indivíduos, os determinam a se matar” (p. 384).

Embora o autor reconheça as motivações pessoais que levam o indivíduo a tirar a própria vida, as razões não estão centradas apenas no âmbito individual. Cumpre salientar que o sujeito e a sociedade formam um binômio inseparável e é essa relação que segundo o autor, exerce maior influência nas taxas de suicídio, tendo em vista que

existe, portanto, para cada povo, uma força coletiva, de energia determinada, que leva os homens a se matar. Os movimentos que o paciente realiza e que, à primeira vista, parecem exprimir apenas seu temperamento pessoal são na verdade a consequência e o prolongamento de um estado social que eles se manifestam exteriormente (DURKHEIM, 1897/2013, p. 384).

Segundo essa compreensão, o suicídio é um ato individual que expressa um problema coletivo e social. Se para Durkheim (1897/2013), o suicídio é um ato permeado de questões sociais e está relacionado com a maneira como a pessoa vincula-se à sociedade, há três modos do sujeito ligar-se a ela, são eles: egoísta, altruísta e anômico, que seguem abaixo, respectivamente.

a) Suicídio egoísta

O suicídio egoísta está relacionado à baixa integração do indivíduo aos laços grupais. Em suas ideias, Durkheim (1897/2013) priorizou a análise dos fenômenos sociais como determinadora das ações do indivíduo. Desse modo, a concepção do homem como um ser social denota a constante interação do sujeito com os outros, consigo mesmo e com o mundo. Ao se desvincular do meio em que vive, a relação indivíduo-sociedade é afrouxada; solitário, o sujeito pode sentir que não possui mais motivação para viver, passando a ter maior inclinação para o suicídio.

b) Suicídio anômico

Durkheim (1897/2013) refere que nesse tipo de suicídio é possível observar o afrouxamento dos laços sociais, no entanto, difere-se do suicídio egoísta, pois na anomia, a causa está na própria sociedade. É chamado de anômico quando a sociedade não é capaz de exercer sua função reguladora na vida das pessoas devido à ausência de lei ou de regra, como ocorre em períodos de crises financeiras e sociais.

c) Suicídio altruísta

Durkheim (1897/2013) identifica este tipo de suicídio presente em mártires e religiosos fortemente integrados aos grupos sociais favoráveis ao suicídio coletivo. O indivíduo está tão ligado a um grupo que daria sua vida por ele, seja por uma causa política, religiosa ou econômica. Para o autor, “quando [o indivíduo] é desligado da sociedade, o homem se mata facilmente, e também se mata quando é integrado nela demasiado fortemente” (p. 297). Dessa maneira, a grande contribuição desse autor é que ao estudar o suicídio, ele enfatizou que a sociedade, o contexto histórico-cultural e o indivíduo estão intrinsecamente ligados e em constante interação.

O SUICÍDIO E A PÓS-MODERNIDADE

O século XXI foi caracterizado desde o seu início devido a um problema de saúde que afetou o mundo e Cuba não foi capaz de escapar desta situação, variando de um aumento em resistência microbiana, até o aparecimento de novas doenças infecciosas emergentes e ressurgindo, como COVID-19 no final ano passado. (CARR, 2020)

Harvey (1989/2014) equipara a pós-modernidade a aceleração do tempo e o encurtamento do espaço no qual as trocas e o consumo tornaram-se mais rápidos e frequentes. A construção de novas imagens e signos que tem como aspectos principais a instabilidade, o superficial e o ilusório passam a impressão de que vivemos num mundo de efêmeras imagens.

Com o advento da **modernidade líquida** referida por Bauman (2001), as tradições, as comunidades, as relações do sujeito consigo mesmo e com o mundo fragmentaram-se, impulsionando a rápida e a inconstante modificação dos sujeitos e dos vínculos sociais. As consequências são típicas dessa sociedade: o mal-estar, a aflição, a constituição de uma identidade diluída e a ausência de pontos de referências fidedignos e sólidos que contribuem para tornar a personalidade mais estável e segura.

Giddens (1991) associa a modernidade a um período de novos estilos, costumes de vida e organização social que surgiu na Europa a partir do século XVII. A perspectiva do sociólogo em relação à modernidade está fundamentada na concepção de que vivemos um momento de

descoberta em que nada pode ser conhecido com alguma certeza. Essas modificações desvencilharam-se de antigos modos de vida e de formas de organização tradicionais, estabelecendo um novo sistema de interconexão social, que alterou as mais íntimas e pessoais características da existência humana.

No que tange às modificações das relações sociais, Berman (1988) assinala que as fronteiras geográficas praticamente deixaram de existir na modernidade. Em certo sentido, essa experiência uniu as pessoas, permitindo que os indivíduos tenham experiências similares com pessoas distantes. Entretanto, o autor aponta que essa experiência é paradoxal, uma vez que também provoca desunião, desintegração, ambiguidade e angústia.

O consumo imediato e a temporalidade acelerada presentes na pós-modernidade produzem uma subjetividade típica desse período: a construção de uma identidade incoerente, instável e fragmentada. Hall (2011) aponta que essas transformações trazem consequências para o sujeito, que passa a assumir identidades diferentes cuja característica principal é a incerteza da própria identidade:

Esse processo produz o sujeito pós-moderno, conceptualizado como não tendo uma identidade fixa, essencial ou permanente. A identidade se torna uma 'celebração móvel' formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpretados nos sistemas culturais que rodeiam (p. 13).

Fensterseifer e Werlang (2006) apontam que a pós-modernidade é marcada pela cultura do narcisismo e do espetáculo, na qual as relações são pautadas pela superficialidade e pela rapidez. Vivemos uma época de identidade cultural difusa em que há uma busca frenética de proteção face ao desamparo, vazio e ao mal-estar. O sujeito pós-moderno tende a descartar identidades e adotar novas de modo rápido e imediato, portanto, nenhuma identidade é fixada. Essa flexibilidade pode causar desestruturação na vida psíquica, uma vez que o modo de pensar, experimentar, interpretar e ser no mundo são mutáveis. Segundo as autoras, o suicídio e as condutas autodestrutivas podem surgir como uma maneira de lidar com esse sentimento que acomete o indivíduo pós-moderno, que teme ficar sozinho e sem raízes. Essa compreensão aponta para a profunda correlação entre a pessoa que morre por suicídio, a sociedade e o contexto histórico da qual ela faz parte.

O suicídio além de relacionar-se com o estilo de vida que descrevemos acima, também se relaciona com o tema da cidade e da metrópole, uma vez que esse espaço é marcado pela busca de identidade e fragmentação das relações sociais. Boff (2014) aponta que “há um descuido e um abandono crescente da sociabilidade nas cidades. A maioria dos habitantes se sentem desenraizados culturalmente e alienados socialmente. Predomina a sociedade do espetáculo, do simulacro e do entretenimento” (p. 20). Já Da Matta (1997) destaca um aspecto singular a respeito da cidade ao concebê-la como um espaço em que é, ao mesmo tempo, eterno e transitório, individualizado e coletivo, no qual se observa a presença de unidades sociais contraditórias e problemáticas

RELIGIÕES CONDENAM O SUICÍDIO

Segundo Mathews Schmalz, Professor Associado de Religião no *College of the Holy Cross*, os suicídios da estilista Kate Spade e do famoso chef e escritor Anthony Bourdain, artistas como, Kurt Cobain e Robin Williams, lembram a todos nós que mesmo os ricos e famosos têm dificuldade de suportar aspectos dolorosos impostos pela vida. A triste verdade é que as taxas

de suicídio aumentaram quase 30%, entre mulheres e adolescentes nesta última década. No Japão, em um único mês o número de suicídios superou o total de mortes por Covid-19 registrados no ano inteiro de 2020. Schmalz reitera que ética da morte autoinfligida tem sido uma importante área de reflexão para as religiões do mundo, considerando as influências culturais dos grupos sociais.

Schmalz sugere que basta perguntar a quem efetivamente pertence a vida humana, para orientar melhor a reflexão sobre o suicídio. Para a maioria das culturas religiosas o suicídio é condenado porque os clérigos partem do princípio de que “a vida é obra de Deus e a Ele pertence”. Então, se a vida pertence a Deus, o vivente ao receber a dádiva, aceitará cuidar do corpo e fazer valer o tempo de vida.

Nascer, viver e morrer

O antônimo de nascer é morrer e, o antônimo de viver é interpretado como estagnar. Ou seja, vida é movimento. Vida é fazer acontecer. O medo de viver paralisa a pessoa e assim, mesmo não estando morta, não se pode afirmar que está a viver, porque está parada, paralisada, estagnada, sem exercer atividades. O medo é o menos nobre dos sentimentos. O medo é uma emoção a ser controlada para destravar a pessoa e permitir viver. Viver é um conceito associado a constante busca por superações de desafios impostos pelas leis naturais e necessidades vitais básicas, como sede, fome, frio, e calor, e das adversidades que emergem dessas inevitabilidades.

O suicídio é, pois, um ato dicotômico no contexto planetário, em que o objetivo de se matar não faz sentido racional algum, considerando que a morte está garantida em algum momento futuro. Mas, paradoxalmente, as pessoas flertam com essa soberana forma de exercer poder; um poder que se não for sobre a vida dos outros, então que seja sobre a sua própria vida. Estar vivo resulta de uma concessão, de um processo de concepção, de ter sido concebido e nascido para viver, e cuja dádiva não traz no curso o direito de morrer por livre arbítrio. O conceito de livre arbítrio está relacionado ao direito de fazer uso das faculdades racionais, da razão, e nesse sentido, o conceito do livre arbítrio, da razão de empreender, não está incluído o direito de matar essas faculdades racionais, pois tal apressamento da morte foge à lógica da própria razão – é irracional, é estúpido. Por isso é essencialmente importante entender o significado do termo razão. Razão, de forma simples, pode ser entendida como “identificar algo que será útil para a pessoa, **uma virtude**”, sem que, no entanto, a razão de um seja ruim para os outros, **um vício**. O termo “razão” pode ser interpretado como a verdade fundamental que orienta as decisões, ações e procedimentos em benefício próprio. É uma regra geral a ser obedecida para alcançar um objetivo, de realizar. Filosoficamente a Razão, está intimamente relacionada com o Mito do Herói.

Percepção do mito do herói

O mitologista Joseph Campbell, em seu livro, O Herói de Mil Faces, cita que “Em todo o mundo habitado, em todas as épocas e sob todas as circunstâncias, os mitos têm florescido; da mesma forma, esses mitos têm sido a **viva inspiração** de todos os produtos possíveis das atividades do corpo e da mente”.

Joseph Campbell, em suas reflexões, pergunta se atualmente o mito pode ser poderoso para uma pessoa? Campbell conduz a resposta demonstrando que os personagens míticos agem

como arquétipos da possibilidade humana, uma vez que esses atores são da mesma forma que nós, confrontados com problemas existenciais, e isso nos dá uma ideia de como os mitos nos fornecem um mapa para cada ciclo da vida ou experiências que passamos. Para Joseph Campbell a mitologia pode ser descrita como “a canção do universo” sintonizada por milhares de culturas nos diferentes grupos sociais. Com o mito, toda a experiência pode ser empoderadora e de certa forma o suicida busca o empoderamento ao tirar a própria vida. Então, essa ação supostamente de coragem, como um ato destemido, pode estar a esconder o medo, como uma ação covarde. É importante reiterar que o herói necessariamente não precisa ser destemido. São atributos diferentes que precisam ser apreciados com maior profundidade dentro de contextos conhecidos, que possibilitem seguir as pistas de um e outro.

Os mitos podem ser interpretados como “pistas” que nos levam ao núcleo espiritual da natureza humana. Ao longo do tempo de vida as pistas conduzem a portas que possibilitem obter experiências físicas, de concretizar aqueles desejos que nascem nos sonhos mais íntimos de aspirações de autorrealização, de se envolver em colaboração social e transcendências. Quando essas expectativas metafísicas falham em produzir um estado de exaltação no mundo sensível, então aquelas pistas podem descambar para outra direção e, como um erro de interpretação de algoritmo computacional, conduzir para a experiência silenciosa do suicídio, aquele ato que busca conectar o mundo material ao espiritual, imaginando causar êxtase nos expectadores tardios, se não pela “nota de óbito planejada” então por meio das mensagens da cripta. Como demonstram as cartas e notas, os suicidas, em seus propósitos, de alguma forma fazem projeções sobre a reação dos expectantes. Imaginam o que passará na mente das pessoas que abandonaram. As reflexões que faz ao planejar a morte antecipada incluem idealizar o impacto que causará com seu espirituoso espetáculo desconcertante.

A maioria das pessoas não está familiarizada com a literatura do espírito. O cotidiano é eivado de interesses superficiais, envolvidos nas atividades do momento. Pouco ou nada do tempo gasto no dia a dia tem a ver com subjetividades anímicas. Na Antiguidade (segundo Campbell), os locais de estudos e introspecção eram hermeticamente protegidos para que notícias habituais não desviassem a atenção que a pessoa deveria dedicar à vida interior, para aprender sobre a magnífica cognitividade humana, sobre a consciência, com direito a exercer a razão para buscar valores eternos, que dão o verdadeiro e imutável sentido à vida. Infligir a própria morte não dá sentido nem à vida e nem a morte, e, talvez seja por essa “razão” que o suicida escreva uma nota, deixa uma carta, na busca de racionalizar, de emponderar o seu “suposto ato heroico”.

Percepção de Deus

Perante Deus, os humanos são responsáveis pelas escolhas que fazem a partir da *razão* de viver. Deus deu a vida racional e tornou o vivente **ciente** de sua cognitividade, para ser responsável pela sua razão e, conseqüentemente pela preservação da sua existência e permanência no planeta durante um período. Então, esse siso implica a preservação da saúde individual, mas para viver saudável é necessário interagir para garantir um ambiente natural e social propícios. Sob essa perspectiva holística, toda a vida no planeta pertence a Deus e todos os entes são partes voltadas a busca incessante do equilíbrio dinâmico, dos movimentos, das atividades, dos fenômenos vibracionais, carnis e espirituais.

Percepção da Ciência

Muitas ciências contribuem para a análise desse enigma denominado suicídio. Os etnólogos questionam os preceitos culturais examinando diferentes grupos sociais. Gerações de orientalistas desvelaram fontes pré-hebraicas das Sagradas Escrituras. E, ao mesmo tempo, outro grupo numeroso de pesquisadores se debruça sobre pesquisas iniciadas no século 19 no campo da psicologia, procurando estabelecer as bases dos fenômenos emocionais, dos fenômenos mentais, da linguagem da religião, do desenvolvimento de códigos morais, mas o que mais chamou a atenção dos estudiosos foram as revelações manifestadas na clínica de doentes mentais. Os ousados e marcantes escritos da psicanálise são indispensáveis aos diligentes sobre o suicídio. Isso ocorre porque, como quer que encaremos as interpretações detalhadas, e por vezes contraditórias, de casos e problemas específicos, as cartas criptografadas nos corpos têm muito a contribuir sobre a lógica dos heróis, dos abnegados que entregam a vida em favor dos outros, dos que promovem a saga e a glória por trás dos mitos que se mantêm até hoje, e dos desfeitos do covarde, do suicida que se impõem um autoflagelo, com ou sem notas ou cartas escritas, mas que certamente deixam seu legado inglório por meio das mensagens criptografadas em seus corpos.

Percepção das religiosidades

Na tradição judaica, a proibição do suicídio se originou em Gênesis 9: 5, que diz: “E pelo seu sangue exigirei um acerto de contas”. O Talmude negou ao suicida o direito aos rituais e tratamento que concedidos ao corpo, no caso de todas as demais causas de mortes, ser sepultado em um cemitério judeu. Atualmente este conceito já não é mais adotado.

Os ensinamentos católicos sobre o suicídio datam de Santo Agostinho de Hipona, um dos primeiros bispos e filósofos cristãos que escreveu: “quem se mata é homicida”. O Catecismo de São Pio X, um compêndio de crenças católicas do início do século 20, alguém que morreu por suicídio deveria ter negado o sepultamento cristão. Também entre os católicos este preceito já não é mais observado. O poeta italiano Dante Alighieri, em “O Inferno”, extrapolou as crenças católicas tradicionais e colocou aqueles que cometeram suicídio no sétimo nível do inferno, onde assumem a forma de árvores que sangram dolorosamente quando podadas.

Para os islâmicos tradicionais, o destino daqueles que morrem por suicídio é igualmente terrível. Hadiths, ou ditados atribuídos ao Profeta Muhammad, alertam os muçulmanos contra o suicídio. Os hadiths dizem que aqueles que se matam sofrem o fogo do inferno. E no inferno, eles continuarão a infligir dor a si mesmos, de acordo com o método de seu suicídio.

No hinduísmo, o suicídio é referido pela palavra sânscrita "atmahatya", que significa "assassinato da alma", que produz reações cármicas impedindo a alma de obter a liberação. Na filosofia hindu, as almas dos suicidas não são reencarnadas e assim, permanecem vagando na terra e, às vezes, perturbando os vivos.

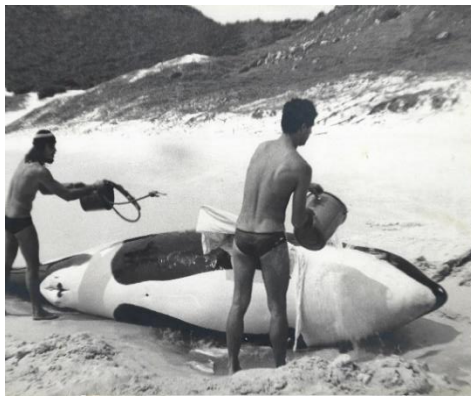
O budismo também proíbe o suicídio ou a cumplicidade no ato, porque essa automutilação em vez de aliviar a dor da vida, causa mais sofrimento. Ou seja, basicamente, o suicídio viola um preceito moral budista fundamental: abster-se de tirar a vida (qualquer vida).

Repensando o ambiente sociocultural

O suicídio de baleias e golfinhos

Em setembro de 1981, ao sair para mergulhar na região de Cabo Frio, RJ, soubemos pelos vigias da Ilha do Farol, que antes era denominada de Ilha de Cabo Frio, que uma baleia havia encalhado durante a noite. Ao aproximar da praia da ilha testemunhei uma baleia orca que estava viva. Durante doze horas ininterruptas reunimos forças para ajudar o cetáceo a desencilhar. Depois desta jornada insana, por adversidades ambientais, como a falta de iluminação com o cair da noite, vimo-nos na contingência de interromper a operação. Na manhã seguinte, ao retornarmos à ilha, avistamos a orca na areia - estava morta por afogamento. Foi uma experiência inesquecível, tanto sob o ponto de vista emocional, por empatia, como sob o ponto de vista físico-operacional. Este segundo aspecto inclui os esforços de descarnar a baleia para doar a ossada à Marinha do Brasil. A proposta era para exibir ao público como parte do processo de educação ambiental que, na década de 1980, dava seus primeiros passos.

Poucas pessoas podem sequer imaginar o que significa descarnar uma baleia. Raríssimas pessoas podem ter a mínima ideia do cheiro que exala das vísceras de uma baleia em estado de decomposição, exposta ao sol. Desconheço termos que possam descrever o fedor. Um odor maligno que permanece na minha memória mesmo tendo se passado exatamente quatro décadas. Sinto náuseas ao lembrar, mas logo supero ao saber que a ossada da orca ainda hoje está lá como testemunho dos esforços de um grupo a cumprir sua parte na conscientização de estudantes e seus familiares que visitam o museu em Arraial do Cabo, RJ.



Orca chora e morre após luta de 12 horas

Foram inúteis todos os esforços de uma equipe de salvamento para tentar desencilhar uma orca ("baleia assassina") de seis metros e cinco toneladas que encalhou em Cabo Frio. Depois de 12 horas, sentindo-se abandonada pela equipe, ela chorou e se debateu, terminando por morrer afogada, ao virar de lado e ficar com a narina sob a água, durante a noite. (Página 9)



Durante todo o dia, o equipe procurou salvar a orca de cinco toneladas

Porém, por qual motivo trago este relato do encalhe da orca (que pertence a família dos golfinhos) quando estamos a examinar fatores humanos subjacentes à decisão de cometer suicídio? Acredito que o leitor já ouviu dizer que as baleias e golfinhos encalham nas praias do mundo com a intenção de suicídio, individual, como o caso da orca em 1981 na Ilha de Cabo Frio, ou grupos, como descrito pelos neozelandeses, australianos e de outras localidades, em que grupos numerosos de golfinhos ou baleias encalham, como em Calais, na França. Algumas literaturas reiteram que esses encalhes permanecem sem explicações. Tratam esses episódios com aura de "mistério". Na verdade, não há nada de enigmático, mas manter essa atmosfera de suspense faz parte do imaginário que associa à psique humana, conecta com os processos mentais que podem ser conscientes ou inconscientes, com os mamíferos aquáticos, mas não com os terrestres, e, é neste aspecto que causa a estranheza em relação aos tais esfíngicos encalhes.



Alguns encalhes em massa são logo explicados por que os espécimes mamíferos envolvidos apresentam problemas de saúde. Sabe-se que parasitas podem atacar o sistema ecolocalizador das baleias e golfinhos desorientando tanto um grupo como um indivíduo que nada para águas mais rasas e encalha. Mas há também as interferências ambientais, temperatura da água, escassez de alimento que enfraquece os animais deixando-os sem força para nadar e vencer correntes marinhas que os empurram para áreas mais rasas, ou fatores que alteram a qualidade química da água, como a poluição, e ainda há as interferências dos sonares de alta-frequência utilizados pelos submarinos e navios de guerra que interferem na ecolocalização e provocam derivas para as praias. Portanto, pensar que o encalhe das baleias e golfinhos tem a ver com o suicídio é usar um artifício para minimizar as decisões conscientes dos humanos de pôr um término planejado à própria vida. Segundo Êmile Durkheim, o ambiente social e o caldo da cultura têm tudo a ver com a decisão deliberada de praticar o suicídio. Tal afirmação, no entanto, não pode e não deve ser associada ao encalhe de mamíferos aquáticos, porque a condição ambiental que conduz ao encalhe coletivo ou individual não é social e nem cultural: é física (correntezas e sons), biológica (doenças e fome) ou química (poluição).



Os esforços que a equipe de mergulho fez em setembro de 1981 para salvar a orca, e depois que ela morreu para salvar a ossada e exibir em museu, tinha o objetivo de conscientizar e educar as pessoas a preservar a condição ambiental em que vivem outras formas de vida, e dentre elas, os mamíferos marinhos. Também, a proposta incluía alertar para o espetáculo mambembe dos circos aquáticos que utilizam golfinhos e orcas para fazer peripécias e entreter um público brega desavisado. Durante quatro décadas pudemos, gradativamente, testemunhar a mudança de paradigmas e enxergar com bons olhos a proibição e desmobilização de shows com cetáceos. A caça a determinadas espécies de baleias vem sendo uma batalha inglória, seja por legislações, acordos ou ativismo ecológico que hora resulta em retração e hora se vê diante de argumentações toscas que possibilitam reativar a matança.



A decisão de Jesus

Por que Jesus chamou Pedro de Satanás?

Em Mateus 16:16, Pedro fez uma grande confissão sobre Jesus: "Tu és o Cristo, o Filho do Deus vivo". Jesus o elogiou, dizendo: "Bem-aventurado és, Simão Barjonas, porque não foi carne e sangue que o revelaram, mas meu Pai, que está nos céus" (Mateus 16:18). Logo depois, Jesus falou sobre sua própria morte e Pedro o repreendeu. Pedro aconselhou Jesus a fugir, pois já sabiam que havia sido traído e os romanos viriam prendê-lo e com isso morreria na cruz. A resposta de Jesus foi áspera: "**Arreda, Satanás!** Tu és para mim pedra de tropeço, porque não cogitas das coisas de Deus, e sim das dos homens" (Mateus 16:23). Ou seja, Jesus sabe que morrerá na cruz e que precisará passar por este suplício e chegar à morte para ser referendado

Mas, por que Jesus se referiu a Pedro como Satanás? A explicação vem da tradução do vocábulo "satanás", que quer dizer "adversário". Este fonema é usado popularmente para identificar o Diabo. O Demônio é o principal adversário de Deus. Pedro, de fato, ao sugerir que Jesus fugisse para não ser morto pelos romanos, estava se posicionando contra Jesus, e intervindo nos planos dele. O aconselhamento de Pedro ia na mesma direção da oferta do Diabo que propôs a Jesus um reino sem o sofrimento da cruz (Mateus 4:8-10); Pedro imaginou alcançar a exaltação sem a paixão. Jesus, estava seguindo a vontade do Pai e a sua própria missão, e por isso, não poderia derivar do rumo que havia traçado. Com sua morte, a partir do suplício da cruz, Jesus entendia que seria exaltado para sempre como rei. Pedro havia se posicionado, momentaneamente, como um adversário da missão do Cristo. Então, quando os psicólogos, amigos, e parentes intervêm como adversários de um suicida, demovendo-o do plano que traçou para se matar estariam fazendo a mesma coisa que Pedro? Poderia então o

suicida se dirigir aos voluntários CVV e dizer: "Arreda, Satanás"? Isso é inimaginável, não é? Então, quais seriam as ações aplicáveis? Como o suicida poderia alcançar a notoriedade imaginada sem ter que acometer contra a própria vida? São as estruturas sociais e valores culturais que precisam ser revisados para se encontrar a resposta. Talvez o mito do herói possa ser colocado em discussão, pois há de se convir que a morte como estratégia para alcançar projeções sociais tem dado resultado. O herói como vimos em Campbell, tem Mil Faces.

Repensando a Mitologia

Campbell conseguiu repensar a mitologia e modificou a forma como era estudada. Para Campbell os mitos não são narrações divertidas, mas histórias poderosas para orientar o espírito humano. Campbell percebeu que os mitos de diferentes grupos sociais, que nunca haviam tido contato direto, eram surpreendentemente iguais. A esse arquétipo Campbell denominou de "a jornada do herói" e escreveu: "Não precisamos correr sozinho o risco da aventura, pois heróis de todos os tempos a enfrentaram antes de nós. O labirinto é conhecido em toda a sua extensão. Temos apenas que seguir a trilha do herói, e lá, onde tememos encontrar algo abominável, encontraremos um deus. E lá onde esperávamos matar alguém, mataremos a nós mesmos. Onde pensávamos estar sós, estaremos na companhia de todos."

A religião Católica produziu a desmitologização do ocidente. Campbell remitologizou a cultura e incentivou os teólogos a valorizarem as metáforas míticas, a poesia, e a não congelar o monomito como doutrina. As crenças ocidentais pouco ou nada garantem em relação à familiarização com a literatura do espírito. Vivemos o presente, interessados nos desafios do momento material. Para Campbell, é a vida interior, a atenção voltada aos valores eternos que dá o real sentido à vida. Atualmente encontramos a ética e a moral subjugadas a imposições pragmáticas da sociedade industrial, em que os desafios, as aventuras emocionantes e transcendências estão direcionados ao mercado de trabalho, a bolsa de valores e aquisição de bens de consumo. Atualmente no ocidente a tradição mitológica é percebida como forma de se obter ajuda dos santos, para alcançar posições de destaque social. Sem ter acesso aos holofotes da fama algumas pessoas sentem-se profundamente desgraçadas, deixando os seus problemas interiores sobressaírem e sobrepujarem suas existências; sentem-se apequenadas, rebaixadas, invisíveis e se perdem em comensurações ao pensar os profundos mistérios do ser em momentos introspectivos. O fato de ignorar os sinais deixados pelos mitos, o caminho da vida passa a ser percorrido em solidão, sem ajuda das deidades, por conta própria, e as chances de se perder nas agruras são grandes. Pergunte isso aos suicidas (...), mas como, se já não estão aptos a falar? Pois é isso. Uma vez que já está morto, em silêncio perpétuo, recorre-se então às cartas, as notas de óbito planejado, à descriptografia do corpo calado, por imprevidência.

Repensando a imprevidência

A negação da mitologia e a ausência de experiências transcendentais é o que na maioria conduz às drogas, algo que pode ser interpretado como um pré-suicídio. Os mitos são uma "experiência de significados", que deram sabedoria e significância à vida humana. São histórias que levam a aventura de viver para o Eu interior e abre a percepção para interpretar mensagens simbólicas, que cumprem a tarefa de expandir a consciência antes de se ter um criptógrafo a descriptografar os signos do corpo suicidado, seja qual for a razão perdida em algum momento não-transcendente. Os mitos são uma maneira de ficar em contato com a

experiência de estar vivo. Os valores exteriores brilham com mais intensidade sem a proteção ótica dos mitos e, por isso impedem de se enxergar o valor interno, o único valor verdadeiro, o que verdadeiramente importa e o que mantém a previdente força vital.

O mitologista Joseph Campbell reitera que:

As pessoas buscam encontrar um significado para a vida. Mas o que deveria estar sendo buscado é o regozijo dos ensaios de estar vivo, o significante, aproveitando essa dádiva para que as experiências de vida, no plano puramente físico, tenham ressonâncias no âmbito das mais íntimas realidades espirituais; o entusiasmo, a êxtase de estar vivo.

As “cartas de não foram escritas” podem ser instrutivas por descreverem o curso nonsense que as imperfeições humanas podem traçar, pois há que se concordar não haver nada tão desinteressante quanto a pretensão de ser perfeito. E são as imperfeições humanas que os mitos expõem de forma categórica. As imperfeições é que ressaltam as singularidades de traços notáveis. Os mitos são histórias da vida, do sentido de estar vivo. Interromper a vida propositalmente, com ou sem notas de óbito planejado, vai na antípoda daquilo que temos em comum com os mitos. Mitos são os sinais espirituais da vida humana, daquilo que somos capazes de conhecer e experimentar interiormente. O mito é o relato da experiência de vida. Destemido, o herói, enfrenta forças fabulosas e obtém uma vitória decisiva, que nada mais é do que o amadurecimento, da adolescência ao declínio do corpo e da morte, e de como se vincular a natureza e ao cosmos.

A mitologia reuniu nossos ancestrais com histórias sobre animais que matavam para se alimentar e contos sobre o mundo após a vida que seguiam quando morriam. O animal era sagrado e a caça tornou-se um ritual de sacrifício registrado nas pinturas rupestres, pela literatura oral e pela religião. Ao passar de coletores/caçadores para agricultores, as sementes, se tornaram um símbolo mágico, místico. Da terra vem a vida. A vida volta à terra. Tudo a seu tempo, em ciclos, sem pressa, sem angústia, com conhecimento dos ritmos e das fases da vida. Não se pode apressar, pois isso será suicídio.

Repensando o suicídio

Embora existam esforços que enfatizam a sacralidade da vida para dissuadir suicidas, as argumentações adotadas, na maioria, não alcançam os objetivos por não fornecer o conforto em dose suficiente para demover da ideia aqueles que se encontram em estado de profundo desânimo e enxergam que a solução ao desalento está em tirar a própria vida. Nem a desmedida tristeza que causam nos parentes e amigos tem servido de justificativa para demover suicidas de suas convicções pusilânimes. O empenho e dedicação para prevenir o suicídio têm recebido cada vez mais recursos. Linhas diretas com consultores dedicados a fazer com que o suicida potencial verbalize as convicções que sustentam a vontade de se matar, como também as abordagens religiosas mais simpáticas e diferenciadas em suas posturas, até a bem pouco tempo irascíveis, estão sucedendo e fazendo a diferença, mas ainda é pouco.

É lícito ressaltar que judeus, católicos, muçulmanos, budistas e hindus estabeleceram programas extensivos de divulgação para aqueles que sofrem de pensamentos suicidas. Esses esforços religiosos colocam em perspectiva que Deus ama muito especialmente aqueles que sofrem da depressão. O suicídio deixa então de ser um desejo secreto para ser uma síndrome comum, que se sabe passar pela mente de praticamente todas as pessoas. Dessa forma, o

suicida ao perceber que está a compartilhar uma manifestação de domínio público, se vê na contingência de rever a opção que acreditava ser secreta e encontra alento para reafirmar a esperança na vida. O suicida pode perceber a vida como um fenômeno. Pode inferir ser a vida um mistério, algo como uma dádiva universal exclusiva cedida ao planeta Terra, mas que tem prazo de validade, ou seja, tem um tempo de duração, pois ninguém vive para sempre, e que, portanto, ao ser interrompida conscientemente não modificará o curso da História. A vida, esse estágio “animado” de curta-duração pelo qual passa a matéria planetária, esta SIM tem o poder de causar mudanças significativas, pois as possibilidades quando se está vivo são renovadas a cada instante, e os eventos que se sucedem podem surpreender. Com esse ponto de vista em mente, as possibilidades de superar o desejo de morte ganham energia e sinalizam motivos para ficar por aqui, como também suscitam entusiasmos para espreitar surpresas advir, sejam elas boas ou ruins. Ainda, segundo as religiões, a vida é permeada pelo juízo que fazemos a respeito de Deus e, quando ocorre a percepção de Deus resulta um estado altruístico que pode ser descrito como **“viver além de ser só para si, indo então para o universo, a partir de si”**. E, quando a pessoa *conscientemente* põe fim a própria vida, estará por seu livre arbítrio *consequentemente* interrompendo um processo complexo que refletirá algures. Se deixar a “nota de óbito planejado” a interpretação da mensagem, por parte dos parentes e/ou amigos, considerará o contexto cultural e socioambiental para aferir a consistência do legado. No entanto, quando não há nota ou carta, a mensagem será obtida a partir do corpo descriptografado, aquele conteúdo das “Cartas que não foram escritas”, mas interpretadas com as chaves que destrancam os segredos da cripta.

Ah! Se os deuses pudessem morrer

Os mitos dos deuses gregos nos ajudam a entender as relações humanas e guardam em si a chave para a nossa mente analítica. A mitologia grega, repleta de contos sobre deuses, deusas, batalhas heroicas e jornadas, revela-nos os meandros multifacetados, atemporais e eternos. Os mitos estão presentes na vida de cada humano, não importa a que tempo ou local.

Os deuses se ressentem de não poder, como os humanos, saborear a existência como uma caixinha de surpresas, que se abre a cada instante com uma nova possibilidade. Os deuses se magoam de não terem a surpresa como ocorre com os estímulos à existência daqueles vivos mortais. Sim pois, os deuses todos poderosos não morrem nunca e por isso não têm como saborear as intensidades trazidas pela incrível sensação da finitude da vida.

Tomamos os deuses como intocáveis, mas quando analisamos a inveja que nutrem em relação à nossas vidas efêmeras, podemos concluir que nós somos verdadeiros heróis, os corajosos de nossas próprias histórias. Dentre os humanos não existe histórias iguais. Cada vida humana é singular em sua essência e é essa singularidade que os deuses ambicionam, pois são fadados a passar a eternidade na mesmice. Os deuses amargam o ciúme excruciante de os humanos saberem, terem certeza de que morrerão. Por serem imortais, os deuses não encontram satisfação em nada do que fazem com seu tempo interminável. Os deuses observam com avidez e cobiça o gosto com que os humanos deliciam cada instante efêmero, a garantia do término incontestável. Para os deuses resta apenas nutrir o desejo de pelo menos entender a sensação da certeza de que um dia, sem saber qual, será o dia e a hora em que tudo acabará. Ah! Se os deuses pudessem morrer.

Uma resposta ao suicídio

Para os deuses, a autoquiria nada mais é do que uma idiotice, uma tontice, um desatino, pois é para eles a perspectiva da morte sine die o fator que acrescenta desejo intenso a preservar a existência. Como alguém pode tomar a decisão de antecipar a morte, desprezando a expectativa inefável do instante seguinte. Como pode alguém desprezar o extraordinário capricho de viver sabendo que morrerá, sem conhecer o quando, o como ou o porquê? Para os deuses essa é a atitude máxima dos covardes e fracos. Os deuses perguntam se esses *pseudo* fortes, fracos e covardes sabem que, *dizer um adeus à vida finita e desejada é desprezar a elegância, o requinte de saborear o que possa até ser o pântano infecto e imundo*. Ah! Se os deuses pudessem morrer.

Efeito dominó do suicídio

Efeito dominó é também referido como efeito cascata ou efeito em cadeia, descreve a ideia de uma ação repercutir sobre outro intento, gerando acontecimentos semelhantes em séries de média, longa ou infinita duração. Quando as peças de dominó são dispostas com determinada proximidade, ao se derrubar uma, resulta em quedas encadeadas de todas as outras ao alcance. Este transcurso pode inclusive derrubar peças dispostas em diferentes figuras geométricas. O exemplo do efeito de encadeamento de ações é utilizado para representar diversos fenômenos na sociedade, como o pânico generalizado, a revoada de gafanhotos e o suicídio. Quando o efeito dominó ocorre, se não houver um fator de proteção que interrompa a série, os efeitos resultantes podem influenciar pessoas que estejam distantes, mas conectadas pela mídia. A divulgação do suicídio pelos recursos de telecomunicações transpõe fronteiras e operam como um gatilho para o próximo suicídio por uma pessoa suscetível ou sugestível. Este fenômeno social e cultural é referenciado como suicídio por contágio, como uma virose. Alguns grupos sociais são mais suscetíveis a esse contágio, com ambientes onde existam condições favoráveis, como a anomia descrita por Durkheim. Outra forma de influência é o suicídio por imitação, quando uma celebridade comete suicídio e é parodiada por admiradores. Para interromper esse tipo de suicídio a estratégia adotada é a de bloquear a radiodifusão. A mídia é solicitada a não divulgar de forma geral qualquer ato de suicídios, exceto em casos especiais.

Suicídio em grupo

Suicídio revolucionário

É importante diferenciar o efeito dominó ou suicídio em série do suicídio em grupo. A morte planejada em grupo é praticada diretamente por indivíduos próximos, ou seja, contidos em um espaço e tempo social, a exemplo dos fanatismos religiosos ou de repudia à submissão. Dentre as mortes por suicídio em grupo um exemplo pode ser tomado com que ficou definido como “suicídio revolucionário”. Também referido como “massacre” o episódio tomou as manchetes internacionais quando em 18 de novembro de 1978, mais de 900 norte-americanos morreram na comuna remota, conhecida como Jonestown, próxima a Porto Kaituma, em Georgetown, capital da Guiana Inglesa.



Um total de 909 pessoas morreu por envenenamento voluntário ao ingerir uma solução contendo cianeto. Este *suicídio em grupo* tem sido classificado também como um "suicídio em massa", embora algumas fontes, incluindo sobreviventes de Jonestown, considerem que as mortes tenham sido parte de um *assassinato em massa*. Foi o maior evento deste tipo na história moderna e resultou na maior perda de vidas de civis norte-americanas em um ato deliberado, antes dos ataques as Torres Gêmeas em 11 de setembro de 2001. Os revisores do massacre de Jonestown tem sido alvo de várias teorias da conspiração.

Suicídio solidário

Em 26 de julho de 1533, o 13º e último imperador Inca, Atahualpa, foi morto por ordem de Francisco Pizarro, o conquistador espanhol da região dos Andes, pondo fim ao Império Inca. A notícia da morte do Imperador se espalhou e, segundo a lenda, pois historicamente isso nunca foi comprovado, em solidariedade a Atahualpa, o povo ao longo de todo o império andino, passou a saltar dos penhascos praticando o *suicídio coletivo*, definido também como *suicídio solidário*, uma vez que a motivação para tirar a própria vida não vinha de um ímpeto individual, mas por sentimento irmanado à morte do Inca.



Opção de Atahualpa de ser executado com garrote, em vez de queimado.

Suicídio copiado

A definição de suicídio copiado está relacionada ao que se definiu como “efeito Werther”, uma designação associada a obra literária de Johann Wolfgang von Goethe (1774), com o título “Os Sofrimentos do Jovem Werther”. O “efeito Werther” tem a ver com a divulgação extensiva. Pessoas com ímpeto de suicidar-se identificam-se com a razão que o suicida gatilho justificou se matar. No romance de Goethe, Werther se mata por ter sido rejeitado pela mulher que amava. Outros jovens que não obtinham a atenção da mulher que desejavam, praticaram suicídio copiando o método pela semelhante desesperança. O David Phillips, em 1974, dois séculos após Goethe ter publicado seu livro, identificou haver maior susceptibilidade entre jovens e idosos praticarem o autocídio, ficando fora dessa estatística os indivíduos de meia idade. A impetuosidade dos jovens e o desalento dos idosos são fatores que potencializam o suicídio copiado tomando como modelo *suicidas gatilhos* da mesma idade e sexo.

Suicídio glamoroso

Em 1982, quando os primeiros cursos de mergulho entraram no foco da mídia, a procura por aprender a mergulhar com equipamento autônomo aumentou significativamente. Diversas reportagens glamorizavam a atividade que se tornara segura e acessível. A maioria dos candidatos eram jovens em busca da atividade envolvida com os “mistérios do fundo do mar”. Outros grupos de interessados incluíam psicólogos, fotógrafos, jornalistas e até casais em lua de mel, apenas para citar alguns. Um aluno vindo do Ceará, matriculado no nosso curso Mergulhão, em Cabo Frio, chamou a nossa atenção. Sempre que mencionávamos um tipo de risco, ele logo se colocava na condição de perigo. Diante desta constatação, eu e meu sócio Arduino Colasanti, decidimos colocar uma “isca” para testar se a nossa percepção era infundada ou se havia mesmo aquela pré-disposição de o jovem cearense se expor ao que deveria estar sendo evitado. Fundeamos a embarcação alinhada com uma ponta de pedra e alertamos que todos deveriam unicamente saltar para o mar por bombordo. Alertamos que a correnteza estava extremamente forte no lado deixado a boreste. Se alguém saltasse por aquele bordo seria gravemente arrastado pela correnteza, como pouco até nenhuma possibilidade de ser salvo. Não ficamos surpresos quando o rapaz saltou do barco por boreste.

Como não havia risco algum em saltar por boreste, mas apenas fora parte de um teste, recolhemos o jovem de volta a bordo e o mantivemos sob vigilância, impedindo que naquele dia ele voltasse a mergulhar. Podemos dizer que o colocamos de castigo. Ao final da operação convidamos o aluno a reunir conosco à noite na sede da Operadora de Mergulho.

A avaliação do episódio trouxe à luz um aspecto inesperado. O aluno comprava com regularidade a Revista Play Boy. E, para nossa surpresa ele havia lido uma matéria publicada em que as coelhinhas nuas mergulharam conosco, havia umas três semanas. O jovem confidenciou que estava noivo e sua noiva havia ficado grávida de outro homem. Como sua cidade era provinciana, ele ficara tomado de vergonha e decidiu se suicidar como mergulhador no local onde as meninas da Play Boy também mergulharam. Isso demonstraria que ele não era apenas um noivo traído, mas um garanhão envolvido com as lindas e denudas sereias da revista. Aconselhamos aquele suicida glamoroso de desistir da ideia estapafúrdia. Colocamos esse episódio dentre os riscos potenciais associados ao mergulho, como poderia ser também com o paraquedismo ou voo livre.

Reportagens romantizadas e sensacionalistas, particularmente, mesmo sendo sobre as incógnitas coelhinhas da Play Boy, podem influenciar pessoas a planejar uma forma de morte que devido a sensualidade traria alento a sua reputação, mitigando a desonra de, às vésperas do casamento, ter sido traído por uma noiva estabanada, que ao insidiar ficara grávida. Com isso, sendo ele um mergulhador a morrer nas águas em que se banharam as ninfas, receberia recebendo muita atenção local e até simpatia nacional, que acreditava não poder ter em vida.

Suicídio com glamour sexual

O efeito Werther não apenas prediz um crescimento de suicídios, mas também que a maioria desses suicídios vai ocorrer da mesma maneira ou similar àquela o publicizada. Quanto maior a similaridade entre a condição de sofrimento por questões afetivas ou sexuais do sujeito suicidado com a condição da pessoa exposta a informação do caso, maior a probabilidade de que o grupo etário ou demográfico cometa o suicídio justificando o motivo comum.

Ao saber da morte glamorosa de outrem, algumas pessoas decidem teatralizar para que sua morte (planejada) seja não apenas similar, mas especialmente espetacular sob o mesmo manto, especialmente se a morte incidental decorrente de exposição ao risco ou o suicídio direto for de alguém em uma situação similar a delas, ou para espelhar que também tinha o mesmo tipo de prevalência.

Suicídios gloriosos

Incidente ou suicídio?

Os que praticam a caça submarina têm noção que é uma atividade complicada. Os locais onde se pode encontrar boa quantidade de peixes para arpoar têm em geral água com visibilidade limitada. Às vezes os adeptos de caçar peixes arriscam a segurança pessoal. Os mais astutos sabem que as melhores horas para a prática da pesca submarina é logo cedo quando o sol começa aparecer no horizonte ou ao entardecer com o sol desce no horizonte. Ou seja, em outras palavras, os peixes saem das tocas quando a água é cristal nos horários em que há menos luz do sol ou saem com certa previdência a qualquer hora quando a água é escura pela presença de particulados em suspensão que impedem a entrada de uma boa parte da luz solar. As partículas de substrato também podem ser emulsionadas durante movimentos fortes de ondulações, como nos dias de ventanias. A caça submarina é reconhecida como “esporte” e seus praticantes costumam aceitar desafios climáticos para obter um bom resultado nas capturas do pescado.

Como instrutores de mergulho e comerciantes de equipamentos e materiais náuticos, percebemos um fenômeno de venda de arpões e arbaletes (usados por caçadores subaquáticos) logo a seguir da morte do Cláudio Coutinho. Para aqueles que não se recordam, o Cláudio Coutinho foi técnico do Brasil na Copa de 1978, e mentor do Flamengo campeão mundial. – (disponível em: <https://www.uol/esporte/especiais/a-morte-de-claudio-coutinho.htm#a-morte-de-claudio-coutinho?cmpid=copiaecola>).

Naquele dia em 1981, relata seu filho, ouvi meu pai dizer “Espera um pouco que vou trazer um peixe. Vamos fazer uma peixada”. Ainda segundo seu filho o pai tinha algumas manias típicas de pescador. Não dizia a ninguém onde iria mergulhar. Caçadores submarinos não utilizam aparelhos de respiração autônoma, mergulham apenas prendendo a respiração. Com a prática, vão aumentando a capacidade de ficar mais tempo submersos, antes de voltar a

superfície para tomar ar. Os que deram busca a Coutinho seguiram os locais que ele usualmente mergulhava para caçar e o encontraram morto no fundo, quando por suposição, devido ao fôlego que tinha, permaneceu submerso até desmaiar, possivelmente tentando desentocar uma garoupa, disseram seus amigos.

A notícia de que Cláudio Coutinho havia morrido lutando com um “peixe grande” foi noticiada e a publicidade contagiou diversos jovens que buscaram então praticar a caça submarina para se igualar em termos notoriedade a Coutinho. Daí foi que se deu o que se pode chamar de um “surto” de vendas de armas de caça submarina. Não estamos afirmando que Coutinho tenha deliberadamente praticado suicídio, mas a morte decorreu do excesso de confiança e por ter “lutado” para trazer à tona e exibir seu troféu: um peixe grande. Uma garoupa foi encontrada com o arpão fincado, nas imediações (ou na toca) onde o corpo sem vida de Coutinho foi resgatado.

Os jovens e os não tão jovens que saíram a comprar armas de caça submarina poderiam estar a planejar morrer da mesma forma? Ou apenas queriam exibir o arbalete para ganhar notoriedade de caçador submarino? Aquele esporte estranho que mata peixes a partir da luta desigual, em que o peixe consegue respirar, enquanto o caçador faz apneia. É um caçador *sui generis*, pois enfrenta os perigos do mar para promover peixadas aos amigos. Seria isso um exemplo de altruísmo? Nos anos 1980 ainda o fundo do mar mexia com o imaginário das pessoas. Mesmo navegadores e pescadores embarcados reiteravam enfaticamente que era necessário “respeitar o mar”. Esse jargão reverberava com a força de “conhecimento” oriundo das comunidades tradicionais marítimas e, **como ecoa** ainda hoje dentre alguns grupos sociais.

Conduzir veículos automotores em velocidade, fazer ultrapassagens arriscadas, conduzir sob o efeito de substâncias, mesmos que sejam lícitas, ou usar drogas ilegais com finalidade recreativa, mas que conhecidamente têm potencial de viciar e degenerar a saúde, pode ser percebido como formas de suicídio disfarçado de insensatez? Estas são questões que demandam investigar o ambiente social em que ocorrem, pois essas decisões de assumir riscos fazem parte dos aspectos subjetivos a mente humana. O que pode ser feito? Deixo essa pergunta para incentivar o debate e as investigações que orientam as condutas de risco puro.

SANTOS DUMONT

Em 23 de Julho de 1932, ele, que foi um dos maiores cientistas do século 20, cometeu suicídio no Grande Hotel de La Plage, no Guarujá. Aos 59 anos, enforcou-se, usando sua própria gravata, num ato de desespero. Não deixou nenhum bilhete ou carta de despedida, mas muitos de seus conhecidos e estudiosos de sua vida têm uma teoria bastante contundente: Santos Dumont se desiludiu e ressentiu das atrocidades feitas com a sua principal ideia.

Testemunhas afirmam que o inventor teria presenciado um bombardeio ocorrendo da Ilha da Moela, em frente ao seu hotel no Guarujá, pouco antes de conceber o ato. Existem teorias menos creditadas afirmando que ele tirou a própria vida por desilusão amorosa ou abandono por parte de amigos. A verdade é que não sabemos em que nível cada um desses fatores motivou o ato, apenas conhecemos o fato de que, naquele dia 23, Alberto não desceu para almoçar no Hotel, como habitualmente fazia. Os funcionários do local, então, arrombaram a porta de seu quarto (152) e se depararam com um dos maiores gênios da engenharia brasileira sem vida e injustiçado pela realidade.

Padre Anchieta – o herói e seu poema à virgem

O Padre José de Anchieta enquanto esteve prisioneiro em Ubatuba, escreveu em latim nas areias de Iperoig (nome antigo de Ubatuba). seu primeiro poema: “O Poema à Virgem”.

A História menciona como o primeiro poeta brasileiro, José de Anchieta, o missionário jesuíta que aqui viveu de 1553 a 1597. Conta-se que ele escreveu um longo poema nas areias da Praia de Iperoig. Diz a tradição, quase ou puramente lendária, que Anchieta teria escrito esse poema com o auxílio de um cajado ou caniço. Pelo menos é assim que o representam em pinturas, como a de Portinari.

A paz de Iperoig

No ano de 1563, os Tupinambás unem suas tribos, formando a Confederação dos Tamoios (donos da terra). Cientes da infrutífera tarefa de tentar se defender dos ataques destes hábeis guerreiros, Manoel da Nóbrega e Anchieta partem de Bertioiga para Iperoig, conduzidos por José Adorno, um dos primeiros povoadores de São Sebastião.

No caminho, traçam um plano de apaziguamento ou dissimulação. Com diplomacia, técnicas de convencimento e valendo-se da sua fluência no idioma tupi, Anchieta alinhavava com os diversos chefes tupis a paz, tendo como seu interlocutor o grande Cacique Cunhambebe.

Anchieta era um hábil orador. Soube apropriar o jeito peculiar de comunicação dos nossos indígenas como, por exemplo, se expressar aos gritos. Proferia palavras ternas no idioma indígena, tendo como objetivo quebrar sua hostilidade. Desta forma consegue êxito ao se aproximar da aldeia de Iperoig sem ser morto e ainda convencer os chefes Cunhambebe e Pindobuçú a negociarem a paz em Itanhaém, aceita em 14 de setembro do mesmo ano.

Diante da desconfiança da tribo ao ver seu grande chefe Cunhambebe partir para terras inimigas, os índios exigem que Anchieta fique refém. Enquanto esteve prisioneiro, escreveu nas areias de Ubatuba o célebre Poema à Virgem:

Enquanto entre tamoios conjurados, pobre refém, tratava as suspiradas pazes, tua graça me acolheu em teu materno manto e teu poder me protege intactos corpo e alma”.

Esquadrão suicida de Chernobyl

O acidente nuclear de Chernobyl é reconhecidamente uma das maiores catástrofes tecnológicas do mundo industrial. Diversas explosões na Usina de Energia Atômica de Chernobyl, na Ucrânia, lançaram na atmosfera 500 toneladas de combustível, 700 toneladas de grafite e gases radioativos, em um vazamento que durou cerca de 10 dias.

A tragédia poderia ter sido exponencialmente maior não fosse a ação heroica do técnico operacional Alexei Ananenko, do engenheiro Valeriy Bezpálov e do jovem operador Boris Baranov, que contiveram outras explosões e derramamentos que colocariam a existência de toda a Europa em risco.

Após as explosões, toda a estrutura da usina entrou em colapso. Foi observado que as piscinas que eram utilizadas para resfriar o reator e para conter possíveis vazamentos rotineiros estavam quase transbordando de material radioativo, em decorrência do incidente. Se isso acontecesse, havia risco de mais erupções, o que jogaria mais radiação na atmosfera a níveis

ainda maiores; além do que os materiais radioativos penetrariam o solo, contaminando o lençol freático de que dependia toda aquela região.

Herói de Chernobyl comete suicídio

Em uma entrevista que ele deu antes de sua morte, ele disse que o governo os levava para a usina nuclear sem lhes falar a verdade. Um dos “liquidadores” que ajudou a descontaminar Chernobyl tirou a própria vida depois de assistir à série da HBO e lembrar os momentos dolorosos que experimentou, se sentindo abandonado pelo governo do Cazaquistão. Nagashibay Zhusupov morreu aos 61 anos de idade, ao saltar do telhado de um prédio de 5 andares, na cidade de Aktobe, no Cazaquistão. Seus amigos e familiares acreditam que o trágico desfecho foi causado pela “grave depressão” em que Zhusupov viveu devido à indiferença do governo de seu país. Esta depressão piorou depois que ele viu a série da HBO, que trouxe de volta memórias dos sacrifícios que ele fez com seus colegas. Zhusupov foi um dos heróis do desastre nuclear de Chernobyl, que trabalhou como “liquidador”, termo usado para se referir aos voluntários que ajudaram a limpar a usina, no reator número 4 após a explosão em 1986. Mais tarde, ele trabalhou no local de testes nucleares soviéticos em Semipalatinsk, uma área dentro do Cazaquistão que serviu como principal instalação de testes nucleares da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS).

Esquadrão suicida – história em quadrinhos

O nome Esquadrão Suicida surgiu na literatura *Pulp*, os livrinhos baratos com histórias de aventura, ficção científica e fantasia que faziam sucesso nos EUA do início do século passado, precursores dos gibis. O Esquadrão era um grupo de agentes do governo - "os mais corajosos, mais fortes, mais durões" - que enfrentava a Máfia. O autor Emile C. Tepperman escreveu 20 contos do Esquadrão, que saíram na revista *Ace G-Man Stories* entre 1939 e 1943.

Maior suicídio em massa da história moderna

Há 40 anos, precisamente em 18 de novembro de 1978, o mundo foi surpreendido com a notícia do maior suicídio em massa da história moderna. No interior das selvas da Guiana, em um lugar chamado Jonestown, mais de 900 pessoas, a maioria americanos, bebeu um suco de uva preparado com cianeto, um veneno que mata em segundos. Os telejornais da época mostraram imagens aéreas, onde se viam as centenas e centenas dos corpos de crianças, mulheres e homens, alguns abraçados. Os que se recusaram a beber o veneno e tentaram fugir para a selva foram mortos a tiros de fuzil, por integrantes da própria seita.

A tragédia começou a ser desenhada no fim da década de 50, quando um sujeito chamado Jim Jones fundou, no estado de Indiana, nos EUA, sua seita, chamada de Templo dos Povos. Marxista fervoroso, Jones afirmava lutar pelos direitos das minorias, principalmente os negros americanos. Nos seus discursos, avisava aos seus seguidores a chegada do apocalipse nuclear, passando então à procura de um lugar seguro, onde seria possível sobreviver. Escolheu Belo Horizonte, em Minas Gerais, onde foi morar, com o propósito de implantar o paraíso. Não deu certo. Mudou para o Rio de Janeiro, onde viveu por pouco tempo, escolhendo, por fim, a selva da Guiana. No fatídico dia 18 de novembro, encurralado com a visita do congressista americano Leo Ryan, que juntamente com uma equipe de jornalistas foi investigar denúncias sobre a seita, Jim Jones comandou o suicídio coletivo. Minutos antes, determinou a um dos seus seguidores que matasse a facadas o congressista. Uma pequena coincidência com o

presente. Ferido, Leo Ryan tentou escapar no pequeno avião, porém foi morto por disparos de fuzil, juntamente com três jornalistas que o acompanhavam.

Suicídio de baleias – Fato ou ficção

Baleia Orca encalha e morre na praia da Ilha de Cabo Frio, setembro 1981.

Testemunhar o encalhe de baleia e vivenciar o período de agonia enquanto o animal esperava pela morte produz uma inquietação indescritível. A determinação em ajudar a Orca (*Orcinus orca*) fêmea a retornar ao mar teve início aproximadamente às 7hs00 do dia 01 de setembro de 1981, quando a equipe de mergulho da AQUA-RIO Centro de Atividades Subaquáticas, navegava próximo ao local indo em direção a Ponta do Focinho do Cabo, do outro lado da mesma ilha.

Segundo o relato, a equipe de mergulho fundeou a embarcação próximo a praia da Ilha de Cabo Frio onde a Orca estava encalhada. “Foi possível perceber que o cetáceo havia chegado naquela posição com a maré alta, e agora seu corpo estava totalmente fora da água, devido a maré baixa” conta o comandante da operação. Com o calor do sol a pele daquela orca estava a sofrer, e, ao aproximar foi possível perceber que o mamífero apresentava dificuldade para expandir os pulmões, devido ao seu peso corporal. Com golpes de calda a orca virou o corpo sobre o lado esquerdo para facilitar a respiração e isso aproximou o orifício respiratório da areia, dando com isso acesso a uma invasão de tatuís que já estavam infestando a vagina e ânus sangravam ligeiramente.

A disposição da equipe de mergulho foi de ajudar a preservar a umidade da pele e a encontrar um meio de evitar que na maré enchente a orca fosse empurrada ainda mais para cima em relação ao mar. Consta no relato que foi preciso literalmente “ancorar” a baleia enquanto a maré subia até um ponto em que a baleia pudesse flutuar e nadar de volta ao mar.

Durante mais de 10 horas o grupo travou uma luta insana para afastar o incansável “enxame” de tatuís e para e manter aquele imenso corpanzil (cerca de 10 metros) alinhado com a inclinação da praia, sem estressar a coluna vertebral e as costelas. Esse encalhe de orca no Brasil foi fato inédito, com direito a primeira página de jornais nos dois dias subsequentes, e uma pergunta ficava sem resposta: “qual teria sido a causa daquele episódio perturbador”.

As possibilidades técnicas aventadas sobre causa do encalhe apontavam em primeiro lugar para possibilidades de algum distúrbio biológico ou físico no sistema de ecolocalização do cetáceo. Sabe-se que parasitas podem infectar o sistema auditivo, como também entraram na pauta das investigações de causas fatores como alterações na temperatura da água, poluição e baixa quantidade de alimento disponível e sonares ultrapotentes.

A exemplo das comunidades humanas, muitas espécies de mamíferos marinhos vivem em grupos. Se um indivíduo é afetado por um ou mais dos fatores enunciados acima, outros indivíduos estariam também suscetíveis ao problema. Em associação às causas biológicas e físicas que pudessem estar relacionadas aos encalhes, e associando com o comportamento humano, acreditava-se naquela época que as baleias, como os humanos, seriam suscetíveis a problemas psicológicos e sociais e, portanto, poderiam praticar o suicídio por encalhamento.

Suicídios podem ser individuais ou em grupos sociais, seguindo um líder.

Estados Unidos, Califórnia: 1997

“Eram anjos que desceram à Terra vindos de outros planetas e só com a morte poderiam voltar ao local de origem. Foi esta a crença que, em 1997, esteve na origem do suicídio de 39 pessoas no bairro de San Diego, na Califórnia. Pertenciam à seita “Heaven’s Gate” (Portal do Paraíso). Alguns membros masculinos do grupo foram submetidos a castração voluntária, em preparação para “a vida que os aguardava após o suicídio”.

Jonestown, Guiana Inglesa: 1978

Jim Jones, pastor e fundador do Templo Popular, uma seita pentecostal cristã de orientação socialista protagonizou um fim trágico para um projeto utópico que teve início em 1956 em Indiana, EUA. As pessoas se mataram por ordem do líder ao beber veneno misturado a um ponche de frutas. Algumas pessoas que não ingeriram o veneno foram mortas a tiros e facadas por guardiões que após liquidar os reticentes, também se suicidaram.

Voos suicidas

Não houve sobreviventes em qualquer um dos voos suicidas relatados abaixo.

Voo Germanwings 9525

Rota comercial internacional, operada pela Germanwings, subsidiária *low cost* da Lufthansa, utilizando um Airbus A320, partindo do Aeroporto de Barcelona-El Prat, com destino ao Aeroporto de Düsseldorf. Em 24 de março de 2015, o avião caiu a cem quilômetros a noroeste de Nice nos Alpes Franceses. O piloto Andreas Lubitz já havia sido tratado por tendências suicidas, mas o médico responsável, em respeito a ética da confidencialidade médica, não informou à companhia aérea sobre o risco que esse piloto representava.

Voo Linhas Aéreas de Moçambique 470

O piloto de um avião moçambicano jogou "propositadamente", o aparelho no solo da Namíbia deixando 33 mortos. O comandante tinha "clara intenção" de derrubar o avião, segundo declaração do Instituto Moçambicano de Aviação Civil, em entrevista coletiva.

Voo da Singapore Airline

O piloto de um Boeing da Silk Air fez suicídio ao mergulhar propositalmente o avião em um pântano na selva da ilha de Sumatra, durante um voo regular de Jacarta a Cingapura, em 19 de dezembro de 1997. O relatório da NTSB dos EUA afirma que os motores da aeronave estavam operando em alta potência no momento do impacto e os controles haviam sido dispostos para fazer o avião mergulhar. O piloto cingapuriano Tsu Way Ming, tinha dívidas no mercado de ações e contas débitos em cartões de crédito e não tinha como honrar um alto empréstimo.

Voo suicidas em 11 de Setembro 2001 nos EUA

Os atos terroristas de 11 de setembro de 2001 compunham uma orquestrada ação de ataques suicidas de fundamentalistas islâmicos, utilizando aeronaves que colidiram intencionalmente contra as Torres Gêmeas e contra o Pentágono nos EUA. Um quarto avião que fazia parte do plano suicida caiu próximo a Shanksville, na Pensilvânia, depois que passageiros e tripulantes tentaram heroicamente subjugar os sequestradores e assumir o controle da aeronave.

Desastres aéreos

Quedas de aeronaves sempre causam imensa consternação pelas mortes. Eventuais e poucos sobreviventes são tratados como “milagres”. Pilotos evitam queda eminente de aeronaves são considerados heróis nacionais, como ocorreu com **Capitão Sulliver** que desceu amerissou no Rio Hudson um Air Bus A320 salvando todas as 122 pessoas que estavam a bordo. O treino contínuo em simuladores de voo, aptidões pessoais associadas às experiências obtidas ao longo da carreira permitem aos pilotos contornarem adversidades fatídicas, mas como humanos estão também sujeitos a erros e paixões.

Suicídio anômico (Émile Durkheim)

Os suicídios e suas causas, segundo Durkheim, são sempre sociais. Quando ocorre em uma situação de anomia social, ou seja, quando há ausência de regras na sociedade, gerando o caos, fazendo com que a normalidade social não seja mantida, por exemplo, em crise econômica na qual há uma completa desregulação das regras normais da sociedade, certos indivíduos ficam em uma situação inferior a que ocupavam anteriormente.

Suicidas podem envolver outras pessoas em suas determinações de morrer, tanto por autoconvencimento, como nos casos religiosos, paixões e fanatismos políticos ou ideológicos, como também, para deliberadamente tentar esconder razões espúrias, simulando fatalidade.

O herói morto

O herói é uma figura mítica da abnegação da própria vida que agem sem esperar compensações ou reconhecimento. SERÁ? Essa afirmação merece reflexão mais profunda, mas como ponto de partida podemos concordar com a premissa.

Segundo uma crônica de 1977, de Lourenço Diaféria, não se pode dizer que herói não existe. Passei metade do dia imaginando uma palavra menos desgastada para definir o gesto desse sargento Sílvio, que pulou no poço das ariranhas, para salvar o garoto de catorze anos, que estava sendo dilacerado pelos bichos. O garoto está salvo. O sargento morreu e está sendo enterrado em sua terra. Que nome devo dar a esse homem?

Escrevo com todas as letras: o sargento Sílvio é um herói. Se não morreu na guerra, se não disparou nenhum tiro, se não foi enforcado, tanto melhor. Podem me explicar que esse tipo de heroísmo é resultado de uma total inconsciência do perigo. Pois quero que se lixem as explicações. Para mim, o herói - como o santo - é aquele que vive sua vida até as últimas consequências. O herói redime a humanidade à deriva. Esse sargento Sílvio podia estar vivo da silva com seus quatro filhos e sua mulher. Acabaria capitão, major. Está morto. Um belíssimo sargento morto. E, todavia, eu digo, com todas as letras: prefiro esse sargento herói ao Duque de Caxias. O Duque de Caxias é um homem a cavalo reduzido a uma estátua. Aquela espada que o Duque ergue ao ar aqui na Praça Princesa Isabel - onde se reúnem os ciganos e as pombas do entardecer - oxidou-se no coração do povo.

O povo está cansado de espadas e de cavalos. O povo urina nos heróis de pedestal. Ao povo desgosta o herói de bronze, irretocável e irretorquível, como as enfadonhas lições repetidas por cansadas professoras que não acreditam no que mandam decorar. O povo quer o herói sargento que seja como ele: povo. Um sargento que dê as mãos aos filhos e à mulher, e passeie incógnito e desfardado, sem divisas, entre seus irmãos. No instante em que o sargento

- apesar do grito de perigo e de alerta de sua mulher- salta no fosso das simpáticas e ferozes ariranhas para salvar da morte o garoto que não era seu, ele está ensinando a este país, de heróis estáticos e fundidos em metal, que todos somos responsáveis pelos espinhos que machucam o couro de todos. Esse sargento não é do grupo do cambalacho. Esse sargento não pensou se, para ser honesto para consigo mesmo, um cidadão deve ser civil ou militar. Duvido, e faço pouco, que esse pobre sargento morto fez revoluções de bar, na base do uísque e da “farolagem”, e duvido que em algum instante ele imaginou que apareceria na primeira página dos jornais.

É apenas um homem que - como disse quando pressentiu as suas últimas quarenta e oito horas, quando pressentiu o roteiro de sua última viagem - não podia permanecer insensível diante de uma criança sem defesa. O povo prefere esses heróis: de carne e sangue. Mas, como sempre, o herói é reconhecido depois, muito depois. Tarde demais. É isso, sargento: nestes tempos cruéis e embotados, a gente não teve o instante de te reconhecer entre o povo. A gente não distinguiu teu rosto na multidão. Éramos irmãos, e só descobrimos isso agora, quando o sangue verte, e quanto te enterramos. O herói e o santo é o que derrama seu sangue. Esse é o preço que deles cobramos. Podíamos ter estendido nossas mãos e te arrancado do fosso das ariranhas - como você tirou o menino de catorze anos - mas queríamos que alguém fizesse o gesto de solidariedade em nosso lugar.

Sempre é assim: o herói e o santo é o que estende as mãos. E este é o nosso grande remorso: o de fazer as coisas urgentes e inadiáveis - tarde demais. Menino salvo de ataque de ariranhas em 1977 é alvo de operação da PF. Menino salvo de ariranhas no Zoológico de Brasília se tornou alvo de investigação da Polícia Federal. Ele é suspeito causar um rombo de R\$ 6 bilhões no fundo de pensão dos funcionários dos Correios

Um dos alvos da Polícia Federal na investigação que apura um rombo de R\$ 6 bilhões no fundo de pensão dos funcionários dos Correios é Adilson Florêncio da Costa; o menino resgatado aos 13 anos pelo sargento Sílvio Delmar Hollenbach, que, em 27 de agosto de 1977, se jogou no tanque das ariranhas para salvá-lo no Jardim Zoológico de Brasília.

Essa é a segunda vez que os investigadores miram em Adilson. Ele foi preso em junho de 2016, por supostamente integrar um esquema que desviou R\$ 90 milhões do Postalís e da Petros, os fundos de pensão dos funcionários dos Correios e da Petrobras. Adilson é ex-diretor financeiro da Postalís. Há 40 anos, Brasília ficou em choque pela morte do sargento do Exército Sílvio Delmar Hollenbach, então com 33 anos. Após três dias de agonia no Hospital das Forças Armadas (HFA), o militar não resistiu às mais de 100 mordidas que levou das ariranhas do zoológico. Os animais o atacaram enquanto ele tentava salvar o menino Adilson, à época com 13 anos.

O garoto salvo das ariranhas tornou-se importante interlocutor político. Apadrinhado de caciques do PMDB, Adilson, 54 anos, chegou à direção financeira do Postalís. Após aprovar o investimento do Postalís em debêntures do falido grupo Galileo Educacional; instituição mantenedora da Universidade Gama Filho (UGF) e do Centro Universitário da Cidade (UniverCidade), ambas no Rio de Janeiro, tornou-se alvo de investigação.

O negócio ocorreu em abril de 2011. Até 2012, Adilson comandou o fundo de pensão. Ao deixar o cargo, ganhou emprego no conselho administrativo do grupo educacional. No ano

seguinte, ele foi multado por má gestão no Postalís. Em 2014, a administração de Adilson novamente se tornou alvo de investigação, desta vez na Operação Lava-Jato.

Em 2006, Adilson chegou a depor na CPI dos Correios Na última quinta-feira (2/2), a história do menino voltou às manchetes. A Polícia Federal voltou a casa de Adilson, no Lago Sul, um dos metros quadrados mais caros da capital federal. O imóvel foi alvo de polêmica durante a Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI) dos Fundos de Pensão, em 2015, por supostamente ter sido comprado por R\$ 1,1 milhão do ex-presidente do Postalís, Alexei Predtechensky. Em 2006, Adilson chegou a depor na CPI dos Correios para explicar um investimento de R\$ 20 milhões do Postalís em bancos mineiros. Adilson nunca comentou o fato de ter sido salvo pelo sargento aos 13 anos. Tampouco quis conhecer a família Hollenbach. Nas últimas quatro décadas, sempre que questionado sobre o assunto, manteve o silêncio ou mandou dizer que não falaria sobre o assunto.

Os gaúchos Sílvio Delmar Hollenbach e Eni Teresinha tinham quatro filhos, à época, com idades entre 1 e 7 anos. A família presenciou toda o acidente quando visitava o Zoológico, em 1977. Semanas depois, Eni Teresinha decidiu voltar a Porto Alegre, para refazer a vida com as crianças. Hoje, a família voltou à Brasília, vive de maneira reservada e evita comentar o assunto. Mas o filho mais velho do sargento, o médico otorrinolaringologista, Sílvio Delmar Hollenbach Júnior, 48 anos, carrega o nome do pai herói. Paulo Henrique, 46 anos, é analista de sistemas no Banco Regional de Brasília (BRB). Bárbara Cristine, 44, é advogada em Porto Alegre. Débora Cristina, 41, dá aulas na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

Em homenagem ao sargento, o zoo passou a se chamar oficialmente Jardim Zoológico Sílvio Delmar Hollenbach. Além disso, o gesto de coragem ficou eternizado com a construção de um busto de bronze com o rosto do militar.

As lembranças daquele 27 de setembro de 1977 ainda estão vivas na memória de Sílvio Jr. Lembro de tudo. Do meu pai saindo do carro, pulando no fosso e retirando o menino. Não fui ao enterro por ser pequeno. Na verdade, soube da morte dele pelo Jornal Nacional, contou, em entrevista publicada em junho de 2016. Sílvio formou-se em Porto Alegre e fez residência no Hospital das Forças Armadas (HFA); unidade médica onde seu pai ficou internado antes de morrer.

Na primeira prisão de Adilson, em junho de 2016, Sílvio Jr. contou ao Correio que sua mãe chorou ao saber do desfecho de Adilson. Ela não quis fazer nenhum comentário a respeito do assunto, detalhou. Estava atendendo uma consulta quando me ligaram. Depois, vi a notícia nas redes sociais, contou. Cada um faz suas escolhas. A gente cabe lamentar, mas o que importa é a mensagem que meu pai deixou de amor ao próximo, completou.

Em busca do soldado Ryan.

Capitão John H. Miller e sete homens procuram pelo paraquedista James Francis Ryan (Matt Damon), que é o último sobrevivente de quatro irmãos militares.

Rodat veio com a história do filme em 1994, quando viu um monumento dedicado aos quatro filhos de Agnes Allison em Port Carbon, na Pensilvânia. Os irmãos foram mortos na Guerra Civil Americana. Rodat decidiu escrever uma história similar, ambientada na Segunda Guerra Mundial. O roteiro foi enviado ao produtor Mark Gordon, que o encaminhou a Tom Hanks.

Finalmente, foi entregue a Steven Spielberg, que decidiu dirigi-lo. A premissa do filme é ligeiramente baseada no caso real dos irmãos Niland.

A cena volta aos tempos atuais e se desvanece para o idoso veterano do início do filme, que revela ser Ryan, e o túmulo ao lado dele é o de Miller. Ryan pergunta a sua esposa se ele era digno de tal sacrifício, ao que ela responde que ele é. Ryan saúda o túmulo de Miller.

Gepeto e a baleia

Como já não servia para trabalhar no circo, o dono mandou que o atirassem ao mar. Assim que caiu no mar, transformou-se novamente num rapaz de madeira. Uma baleia que por ali passava viu Pinóquio e engoliu-o, pensando que era comida. Dentro da baleia Pinóquio encontra Gepeto!

Em busca de uma consciência maior

Uma raposa, chamada de João Honesto, o gato Gideão, Stromboli, o dono do circo, o cocheiro e o menino que acompanha Pinóquio na Ilha dos Prazeres são representações da realidade que nos tenta o tempo todo, que nos testa a cada esquina para ver se estamos realmente em busca de uma consciência maior, de nos tornarmos reais seres humanos ou de simplesmente nos entregarmos a vida ordinária sem finalidade alguma.

Faz parte da vida do ser humano buscar prazer e reconhecimento, não há nada de errado nisso, mas o que mais podemos realizar, viver, conhecer, aprender e ensinar?

E Pinóquio, um menino de madeira luta incessantemente para virar um menino humano e, depois de muitas ilusões e desilusões resgatou o seu pai da barriga da baleia, do mar de inconsciência, trazendo de volta a vida Gepeto e conseqüentemente a sua, e com isso, finalmente tornando-se um menino de verdade – um Ser Humano heroico.

Katherine: Não tente bancar o herói, você vai acabar morrendo.

Damon Salvatore: Eu já morri uma vez; desta vez vai valer a pena. A nostalgia é cruel.

Marcilio Bezerra Cruz: Se o futuro é a morte, o que custa morrer como um herói?

Fatores demográficos

Pessoas que são jovens ou idosas — mas não as pessoas de meia idade — parecem ser mais suscetíveis a esse efeito. Devido identificação diferencial, as pessoas que tentam copiar um ato suicida costumam ter a mesma idade e gênero que a pessoa do suicídio gatilho (inicial).

ANEXO A

Nota de óbito planejado - 1

Jovem de 16 anos tira a própria vida em Santa Inês; era filha do dono do supermercado Meireles e deixa exposto em carta os motivos que a levaram ao suicídio. Entre outras coisas ela sofria abuso do próprio pai e a mãe sabia e nunca fez nada.

... Eu sei que a decisão que eu tomei foi totalmente desqualificada e imoral.

Quem diabos (sou) para tirar a própria vida?

Mas eu posso dizer uma coisa: para que serve o livre arbítrio? A vida é minha, a essência é minha. Respeitem. As pessoas passam a vida inteira julgando tudo que vêem. Jogam palavras que não voltam, olhares que machucam, rejeitam, maltratam, usam. Isso dói, tá legal? O ser humano vai guardando isso dentro de si até formar uma grande bola prestes a explodir. Você pode ver uma pessoa sorrindo, parecendo feliz, mas não se engane, sempre há coisas além. Por isso somos cegos. Nunca vemos além. Aquela menina sentada de cabeça baixa tá precisando de ajuda. Mas o que as pessoas fazem? "Fulana está na *bad*". Que sociedade maldita. Como se tristeza fosse algo irrelevante, que não precisa de atenção. Idiotas. Quando é tarde eles se perguntam o que tinha de errado. Pais que não vêem seus filhos se cortando, se drogando, se destruindo. Escolas que não vêem o *Bullying* debaixo do seu nariz. Pais que estrupam os filhos, mães que humilham, irmãos que rejeitam.

Malditos. Malditos.

Tudo isso acima faz a mente humana enlouquecer, sabia? Ela definha, fica angustiada e cheia de coisas inexplicáveis, pensamentos perigosos. Você vê no jornal aquele jovem que matou inúmeros estudantes e julga. Já parou pra pensar o que levou ele fazer aquilo? Será que não foi a hipocrisia e idiotice da sociedade? Essa sociedade que nos coloca em um lugar durante anos, em total humilhação e depois quer escolher um futuro para nós.

Ninguém nunca vê. Até que é tarde. Eu não queria morrer. Eu penso que tenho um futuro pela frente. Eu sei que tenho. Tenho mais amigos para fazer, mais músicas para escutar, mais pessoas para namorar, mais *shows* para ir. Tanta coisa. Mas sabe o que eu e outros milhões de pessoas pensamos sobre isso? "Eu não tenho força de vontade para continuar. Eu não sou forte, eu não consigo seguir em frente sem derrubar mais uma lagrima". Sejam mais gentis, por favor. Amem mais, ajudem, enxerguem, peguem na mão de pessoas que estão se afogando.

Dê sua mão. Dê um sorriso.

Eu tenho inúmeros motivos para ter feito o que fiz. Meu próprio pai me abusou e foi por isso que eu morri por dentro. Eu fui morrendo durante dois anos. Fui vendo minha morte sem poder fazer nada a respeito. Quantos cortes eu não fiz? Eu até apelei a drogas, o que não resultou em nada. Meu pai iniciou a destruição. Minha mãe me tirou minha rotina e passou a assistir tudo em total inconsciência. Eu sei que ela via, mas quem disse que ela percebia? Ela era uma mãe tão atenciosa, o

que aconteceu? Por que ela ficou tão alheia? Por que ela demonstra amar mais a meu irmão? Por que ela não me ama? Por que ela não me abraça e me beija assim como ela faz com meu irmão? Por que ela me humilha por um erro tão pequeno? Por que ela não pergunta como foi meu dia na escola? Por que ela não quer saber o motivo de eu estar tanto tempo trancada no quarto? Por que ela não pergunta o motivo de eu usar tanta blusa de manga comprida? Ela está deixando-me morrer sem fazer nada. E eu não quero as lágrimas de meus pais. Eu sentiria nojo deles. Eu sentiria nojo porque eu passei a odiar meu pai e odiar minha nova mãe. Porque eu ainda amo aquela mãe que me abraçava e me beijava. É como se ela não me amasse mais porque fui usada pelo meu pai, como se ela sentisse nojo de mim. Sim, ela sabe do abuso, mas jogou para debaixo do tapete. Assim como aquela maldita escola em que eu passei os piores momentos da minha vida. Eu já tentei suicídio outras vezes. E isso é horrível, porque eu já sei a sensação. Pensar em suicídio é uma coisa, mas planejar e ir ao ponto é outra. Dá aquele aperto no peito, aquela sensação de frio na barriga. "O que acontecerá depois disso?" Eu não acredito em Deus, eu creio que depois disso não há nada. Mas enfim, fazer isso é difícil. Eu sou muito covarde. Eu irei deixar muita coisa no mundo e o mundo irá perder muita coisa. Eu sou diferente. Eu sou uma daquelas pessoas que os outros precisam. Às vezes acho que sou hipócrita porque eu vejo pessoas depressivas e vou ajudar, dar conselhos, tirar a pessoa daquela situação. Mas eu não faço isso comigo. Porque não dá mais. Droga, eu queria tanto ficar aqui. Por que ninguém me ajudou antes? Ontem vi pessoas dizendo que a série "13 Reasons why" influencia jovens a se suicidarem. Mas eu não acho isso. Eu estava planejando tirar minha vida há meses e essa série só fez eu parar e pensar: "droga, eu queria tanto ficar aqui". Por que ninguém me ajudou antes? Eu estava planejando tirar minha vida há meses e essa série só fez eu parar e pensar: "eu estou prestes a fazer algo muito idiota". Sim, eu tinha desistido de tirar minha vida por causa de uma série, mas depois algo mudou. Eu voltei com a decisão. Então eu digo: eu não me matei porque uma série me influenciou, não pensem nisso. Eu me matei porque eu não aguentava mais existir assim. Eu já estava morta, a que mais eu serviria nesse mundo? Uma garota totalmente sem essência, sem nada por dentro. Já imaginou um oceano no meio da tempestade? O céu escuro? É assim dentro de mim. Mas tudo silencioso. Tudo muito destruído e silencioso. Tudo muito angustiante e doloroso. É difícil acordar de manhã e pensar: "mais um dia em que irei ter lembranças más". "Mais um dia ao lado de pessoas que não me amam, que me odeiam. "Mais um dia sentindo uma imensa vontade de chorar em todos os momentos" "Mais um dia desejando morrer". Então eu quero pedir que sejam mais tolerantes. Depressão não é frescura. Não neguem ajuda àqueles que estão angustiados, no fundo do poço. E quando forem se lembrar de mim, pensem em uma Thalia verdadeira. Aquela feliz que vocês viam era total mentira. Então eu quero pedir que sejam mais tolerantes.

Adeus

Thalia Mendes Meireles.

Nota de óbito planejado - 2

A carta-testamento de Vargas é bem breve: "Saio da vida para entrar na história":

O suicídio na família de Getúlio Vargas

Iniciando com o ex-presidente Getúlio Vargas, as duas gerações seguintes tiveram causas de morte idênticas. Um triste cenário atravessou três gerações de uma das famílias mais importantes da história da política nacional; poderia ser os Kennedy, nos EUA, mas trata-se da família Vargas. No caso dos brasileiros, os acidentes e ataques não foram à causa principal das tragédias, mas sim o suicídio, iniciando no mais alto cargo da nação e perdurando ao longo dos herdeiros. O primeiro caso conhecido é o Getúlio Vargas, enquanto tentava perpetuar seu segundo mandato presidencial. A crise teve seu estopim em uma tentativa de assassinato do jornalista Carlos Lacerda, principal crítico do chefe de estado, que resultou na morte de seu guarda-costas, o major Rubens Vaz — confessada pelo segurança do presidente, Gregório Fortunato. Somado a isso, a descoberta de transferências de terrenos irregulares gerou uma revolta que foi respondida de maneira incisiva pelo líder: "Só saio daqui morto". Getúlio seguiu as palavras e, em 24 de agosto de 1954, disparou contra o próprio coração, dentro o Palácio do Catete, então residência presidencial.

Destino seguinte

Na década anterior, Getúlio já havia sofrido com a perda de um filho; Getúlio Vargas Filho, ou Getulinho, era presidente da Federação Paulista de Futebol e faleceu com apenas 23 anos de idade em 1943, devido a problemas decorrentes da paralisia infantil. Com a perda, Manuel Sarmanho Vargas, conhecido como Maneco, passou a ser o filho mais inserido nos projetos políticos do presidente.

Contudo, um inquérito militar responsável por apurar a corrupção no governo Vargas apontou que Maneco havia vendido dois terrenos para Fortunato para saldar dívidas, magoando profundamente o pai e contribuindo para sua partida forçada. Mesmo assim, prosseguiu a carreira política, chegando a ser secretário de Agricultura do Rio Grande do Sul.

Em 1955, foi eleito prefeito de Porto Alegre, cargo que comandou até outubro do mesmo ano, quando preferiu deixar a vida política para comandar a estância da família em Itaqui.

De acordo com a IstoÉ, a compulsão em jogos e os problemas com a administração dos próprios bens resultaram em um caminho final idêntico ao do pai; em 15 de janeiro de 1997, Maneco disparou contra o próprio peito.

Mais recente

Diferente do pai e do avô, que atiraram contra o peito, o filho de Maneco, Getúlio Vargas Neto, teve uma trajetória e fim distintos da atuação política.

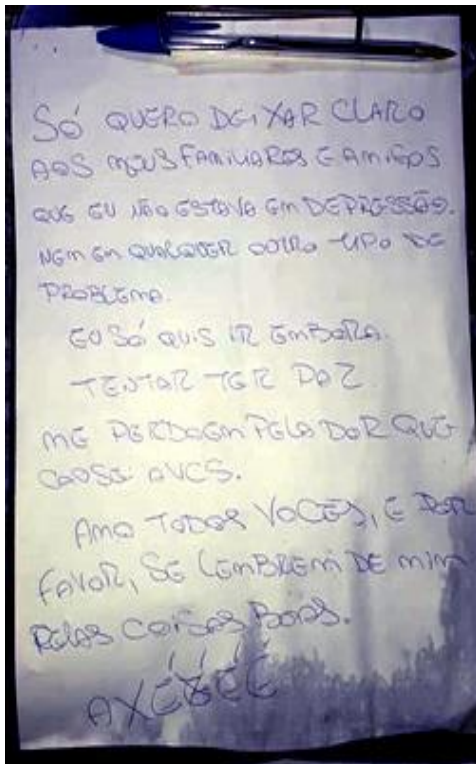
Formou-se em Administração e Pecuária, cuidando da estância de Itaqui e outros bens restante herdados do avô. Tentou integrar cargos públicos em duas ocasiões, sem sucesso.

A primeira, em 1980, foi para uma vaga na Assembleia Legislativa do Estado do Rio Grande do Sul como deputado estadual. A segunda foi especulada em 2011, como contou em entrevista ao jornal O Globo, afirmando que tinha interesse de se candidatar à Prefeitura do Rio de Janeiro, desistindo antes das prévias. Na manhã de 17 de julho de 2017, Neto foi encontrado morto em seu apartamento em Porto Alegre por uma funcionária da família, com uma

perfuração de bala de revólver na lateral da cabeça, além de deixar uma carta próxima ao corpo. Aos 61 anos, foi o mais novo a cometer suicídio, com Getúlio morrendo aos 72 e Manuel aos 79.

- Getúlio (1930-1945): do governo provisório à ditadura do Estado Novo, de Lira Neto - <https://amzn.to/36SwTX8>
 - Gilberto Freyre e o Estado Novo: Região, Nação e Modernidade, de Gustavo Mesquita - <https://amzn.to/2q4XS15>
 - 1937: o Golpe que mudou o Brasil, de Natônio L. Araújo - <https://amzn.to/34QFuy8>
 - O Perigo Alemão e a Repressão Policial no Estado Novo, de Priscila Ferreira Perazzo (1999) - <https://amzn.to/2BgyAiD>
 - ✓ **Oposição ao comunismo e caçados por Vargas:** a ação integralista brasileira
 - ✓ **Obras subversivas:** para acabar com uma suposta ameaça comunista, Vargas mandou queimar milhares de livros
 - ✓ Como Roosevelt e Vargas decidiram os rumos do Brasil na segunda guerra em Natal
- Há 66 anos, Getúlio Vargas tirava a própria vida com um revólver

Nota de óbito planejado - 3



“A solidão é perigosa e viciante. Quando você se dá conta da paz que existe nela, não quer mais lidar com as pessoas.”

Carl Jung

ANEXO B

Corruptela do poema de Álvaro de Campos

Heterónimo de Fernando Pessoa

Se te queres matar ...

Ah, se ousares, ousa!

De que te serve o teu mundo interior que desconheces?

Talvez, matando-te, o conheças finalmente...

Fazes falta? Ó sombra fútil!

Ninguém faz falta; não fazes falta a ninguém...

Sem ti correrá tudo sem ti.

A mágoa dos outros?... Tens remorso adiantado.

De que te chorem?

Descansa: pouco te chorarão...

Se queres matar-te, mata-te...

Tu estarás verdadeiramente morto, muito mais morto que calculas...

Depois da trágica retirada para o jazigo ou a cova,

Há um alívio para todos

E logo a conversa aligeira-se quotidianamente,

E a vida de todos os dias retoma o seu dia...

Depois, lentamente és esquecido.

Só és lembrado em duas datas:

Quando faz anos que nasceste, quando faz anos que morreste.

Mais nada, mais nada, absolutamente mais nada.

Se queres matar-te, mata-te...

Não vês que não tens importância absolutamente nenhuma?

És importante para ti, porque é a ti que te sentes.

És tudo para ti, porque para ti és o universo,

És importante para ti porque só tu és importante para ti.

E se és assim, ó mito, não serão os outros assim?



ANEXO C

Desistiu do suicídio e matou muitos

Juan Manuel Alvarez tinha 26 anos e já havia cortado os pulsos e se esfaqueado na altura de seu peito. Ele queria se matar e, para isso, encharcou seu Jeep Cherokee com gasolina, que explodiria após a colisão com um comboio em Los Angeles. Porém, no último instante desistiu e saltou do carro e deixou o trem colidir.

A colisão

Era 26 de janeiro de 2005 quando Juan Manuel Alvarez decidiu colocar em prática seu plano de que se mataria. Sabe-se que ele havia planejado ser atropelado pelo metrolink, que é o sistema ferroviário do Sul da Califórnia. Assim, estacionou na região norte da Área Industrial do centro de Los Angeles. Naquele trecho, na parte da manhã, quando seu plano foi posto em prática, o trem Norte 901 (que saía de LA) transportava entre 30 e 50 passageiros. No caminho oposto, o trem 100, que vinha do Sul, levava cinco vezes mais passageiros: entre 200 e 250. Ali seria a zona de conflito. Pouco antes das 6h03 da manhã, no horário local, quando tudo aconteceu, Alvarez esperava em seu carro a colisão que o mataria. No entanto, ele desistiu. Seu carro, entretanto, foi deixado nos trilhos, encharcado de gasolina. Quando o metrolink 100 colidiu com o veículo utilitário, descarrilhou e acabou atingindo o 901, que vinha na direção oposta. Ouvia-se um estrondo absurdo. "É o pior acidente de trem que eu já vi", disse o capitão dos Bombeiros de Los Angeles Rex Vilaubi.

Entre mortos e feridos

Ao todo, 11 pessoas morreram e cerca de 200 ficaram feridas com a colisão. Como imaginado, parte dos trens começaram a pegar fogo. A megaoperação de resgate mobilizou 300 membros do departamento de bombeiros.

"Eu escutei um estrondo, que foi se tornando cada vez maior", recorda a sobrevivente Diane Brady, conforme matéria repercutida pela Folha de S. Paulo na época. "Quando dei por mim o trem já tinha tombado e todos gritavam. Esperei um tempo que pareceu uma semana até poder sair. Foi um pesadelo", completou a senhora que tinha 56 anos quando o acidente

aconteceu. Para o xerife do condado de Los Angeles, o que havia acontecido era “ultrajante”. Seu sofrimento se tornou ainda maior depois que descobriu que um de seus assessores foi uma das vítimas da colisão. A angústia também pairava em George Touma, de 19 anos, que foi até o local procurar sua mãe, que estava em um dos trens e havia conversado com o filho após o choque. “Ela me disse que estava sangrando na cabeça e que sentia dores no braço”, conta. Estou muito preocupado, pois ela sofre de vertigem e eu não consigo localizá-la”.

Para se ter uma ideia de como foi a tragédia, as equipes de resgate passaram horas procurando sobreviventes. Além disso, inúmeras vítimas foram lançadas a metros de distância após a colisão. “Foi como frear de 50 km/h para zero em dois segundos”, disse uma das sobreviventes, que estava indo para o trabalho, no centro de Los Angeles. “De repente o trem freou e as luzes se apagaram. Andei entre muitas pessoas que não conseguiam se levantar”.

Os desdobramentos

Todo aquele evento catastrófico foi visto por Juan, que saltou do veículo antes do caos, conforme descrito pelas autoridades em matéria do New York Times. Quando a polícia chegou, ele estava atônito olhando para tudo o que havia causado e dizendo “me desculpem, me desculpem” sem parar. Além disso, as autoridades o descreveram como “perturbado mental”.

“Ele estava lá e, do nada, basicamente viu uma luz”, explicou Carmelita Alvarez, segundo o NYT, que era casada com o homem. “Não é a luz do trem. Ele disse que sentiu como se houvesse uma presença de Deus lhe dizendo para ir embora”. Posteriormente, as investigações concluíram que o metrolink 100 colidiu com o Jeep, o que fez com que algumas peças do carro atingissem uma chave de trilhos e ficassem presas sob o vagão da frente, o que causou o descarrilhamento. Assim, o trem perdeu o controle e atingiu a locomotiva do 901. Isso fez com que os vagões traseiros da composição que seguia para o norte descarrilhassem. Pelo menos um vagão tombou de lado. Já um incêndio, envolvendo um ou mais carros de passageiros, foi causado por óleo diesel derramado.

A causa raiz da colisão foi atribuída a Alvarez, que já tinha um histórico suicida.

Caos familiar

Na época do acidente de trem, Juan Manuel era pai de dois filhos pequenos e estava passando por dificuldades conjugais. Sua esposa, Carmelita Ochoa, havia entrado com uma ordem de restrição contra ele meses antes do incidente, alegando que o marido havia se tornado errático e ameaçador para ela e os filhos, além de ser extremamente controlador.

Em 7 de julho de 2008, teve início a audiência de condenação de Juan Manuel Alvarez, sendo que no mesmo ano, Alvarez foi condenado a prisão perpétua, divulgado pelo LA Times.

ANEXO D

Texto publicado no ANPUH – XXIII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA – Londrina, 2005.

Fragmentos (auto) biográficos nas mensagens de adeus de suicidas

Yonissa Marmitt Wadi¹

Keila Rodrigues de Souza²

Por que um indivíduo resolve abandonar a vida cometendo suicídio? Desencontros amorosos, ciúmes, doença avançada, remorso, raiva, vingança, vergonha, orgulho ferido, solidão, problemas financeiros, dívidas..., aparecem como motivações nas mensagens de adeus deixadas por suicidas e encontradas em inquéritos policiais arquivados. Ao contrário de mensagens de adeus de personagens notórios – comumente testemunhos de seus fracassos ou fraquezas na vida pública –, tais mensagens, configuradas em bilhetes ou cartas, constituem-se em fragmentos (auto)biográficos – muito esparsos é certo – de vidas ordinárias, que oscilaram entre a razão e a loucura. São ‘escritos de si’ que, conjugados a vestígios oriundos de outras fontes, lançam luz sobre práticas cotidianas, representações sobre relações de gênero, étnicas, de geração e classe, relações entre individual e coletivo, público e privado, num certo tempo e lugar.

1. A escrita para além da vida e da morte

Segundo Geneviève Bolleme, “nunca se escreve senão para viver, a fim de fazer frente a uma situação, para explicar, justificar-se, informar, dirigir-se a, apelar, queixar-se, sofrer menos, fazer-se, dar-se prazer”. Paradoxalmente, também há aqueles que escrevem pouco antes de cometerem uma auto violência, atentando contra sua própria vida, parecem ser movidos pelos mesmos intuitos: querem – consciente ou inconscientemente – viver para além da sua própria vida. Viver através dos escritos derradeiros, cujos conteúdos ‘amarram’ a vida dos vivos a vida dos mortos, que lhes fazem destinatários de suas motivações para o suicídio, por vezes culpabilizando os por este ato. Esta função ‘psicológica’ de fazer cair sobre os destinatários o peso e a culpa da morte do emissário é constante na maioria das cartas de suicidas. Analisando o conteúdo da carta-testamento de Getúlio Vargas, deixada no dia de sua morte, a 24 de agosto de 1954, Osakabe afirma ser esta... resultado aparente de um esforço de explicitação das causas que teriam levado o autor ao ato definitivo, na verdade, ela tenta fazer cair sobre os agentes da morte o peso de seus próprios atos. É uma peça que, valendo-se desse processo de culpabilização, tenta dar um sentido e uma fecundidade ao auto aniquilamento (geralmente, o indivíduo que comete, junto com a própria morte, uma carta “aos que ficam”, deve acreditar no poder transfigurador de seu próprio ato).

A carta-testamento do chamado “pai dos pobres” – a mais conhecida e, talvez bombástica, carta de um suicida brasileiro – pode ser vista assim, como uma carta típica de alguém que voluntariamente atenta sobre sua própria vida, alinhando-se as de tantos outros que tentam explicar “as razões inexoráveis de seus atos”. Porém, “diferentemente (...) da maioria das cartas de suicidas, as cartas de Vargas falam daquilo que marcou seu lugar na história: o poder.” A morte – tratada em escritos epistolares e em seu diário –, não era para Getúlio Vargas, afirma D’Araújo, “um recurso para lidar com dilemas existenciais de ordem pessoal ou íntima”, mas sim, “um instrumento de poder, um recurso político, uma maneira de valorizar seus feitos e de construir uma imagem grandiosa para o futuro”.

As cartas e bilhetes, sobre os quais, lançamos um olhar neste texto, em nada se parecem com os escritos de suicidas notórios – como Vargas – a despeito de que, em alguns momentos, construam pela escrita, suas mortes – de gentes comuns – como morte-sacrifício ou morte-tragédia, a exemplo do notável político. Em nenhum momento, porém, pode-se perceber qualquer indício de que estes escreventes identifiquem seu ato sacrificial, como um ato político. Tais cartas e bilhetes configuram-se como ‘escritos de si’, ou seja, derradeiros escritos autorreferenciais ou autobiográficos. Fragmentários e esparsos lançam flashes apenas sobre vidas ordinárias, que oscilaram entre a razão e a loucura, ao cometerem suicídio.

Segundo Gomes, ... a correspondência tem um destinatário específico com quem vai se estabelecer relações. Ela implica uma interlocução, uma troca, sendo um jogo interativo entre quem escreve e quem lê – sujeitos que se revezam, ocupando os mesmos papéis através do tempo. Escrever cartas é assim ‘dar-se a ver’, é mostrar-se ao destinatário, que está ao mesmo tempo sendo ‘visto’ pelo remetente, o que permite um tête-à-tête, uma forma de presença (física) inclusive muito especial.

No caso das cartas de suicidas, apesar da ausência da reciprocidade esperada na correspondência usual – quem envia uma carta a alguém espera receber uma resposta – não deixa de existir uma interlocução – ainda que nem sempre o destinatário seja o primeiro e raramente seja o único leitor –, não deixa de sentir-se a presença (também de uma forma muito especial – dolorosa, desesperada, louca!?) da pessoa cuja vida acabou de esvaír-se por um ato voluntário. Há um tête-à-tête. Não o comum em outros tipos de correspondência, mas certamente o brado daquele que se despediu e o daqueles que, debruçando-se sobre o cadáver, perguntam a quem não tem mais voz para responder; tentam responder – em sussurros ou em prantos – eles mesmos as perguntas; leem e releem um texto, por vezes, sintético, fluído, esparsos e fragmentário buscando compreender o ato.

A escrita de cartas ou bilhetes – especialmente as de conteúdo pessoal – é uma prática relacional, além de ser “um espaço de sociabilidade privilegiado”. Para os suicidas, talvez, escrever mensagens de adeus tenha se configurado como um espaço e um momento, como afirma Gomes, de “estreitamento (ou rompimento) de vínculos”, com outros indivíduos que fosse impossível de ser conquistado em outros momentos. Carregadas de relatos sobre desencontros amorosos, doenças, ciúmes, raiva, vingança, vergonha, orgulho ferido, solidão, problemas financeiros, dívidas – informações sobre a vida vivida –, as cartas dos suicidas – como todo escrito de si – configuram “um lugar de memória”. Lugar este constituído a partir do desejo, das circunstâncias e dos momentos da história de vida de pessoas, sem dúvida, no limite.⁸ Também, a partir das cartas dos suicidas, é possível afirmar que “as práticas de escrita de si evidencia[m], (...) com muita clareza, como uma trajetória individual tem um percurso que se altera ao longo do tempo, que decorre por sucessão. Também podem mostrar como o mesmo período da vida de uma pessoa pode ser ‘decomposto’ em tempos com ritmos diversos: um tempo da casa, um tempo do trabalho etc.”

2. As mensagens de adeus na Comarca de Toledo/PR: o tema do amor.

Mensagens de adeus de suicidas são documentos raros encontrados entre os registros policiais de suicídio. Nas décadas de 1980 e 1990 foram abertos, na Comarca de Toledo/PR, 75 inquéritos referentes a casos de suicidas do sexo masculino e 23 do sexo feminino. Em apenas cinco, de um total de 98 inquéritos, constava algum tipo de mensagem. Anotações em uma

caderneta, um bilhete lacônico e uma pequena carta foram escritos por mulheres, na faixa etária entre 25 e 35 anos, todas brancas e mortas por envenenamento; uma carta foi escrita por um jovem de 19 anos, branco, que se suicidou com arma de fogo e um conjunto, composto por nove bilhetes e uma carta, foi escrito por um homem de 45 anos, de cor amarela, que se enforcou. Entre temas variados, motivadores dos atos extremos de auto violência conduzidos por essas pessoas, um se destaca: o amor e suas variações, a falta, o excesso, a culpa... Na esteira deste tema, que parece ser o móvel principal, de grande parte das 'fugas' da vida, surge a inexorável cobrança social (e pessoal) pelo cumprimento dos papéis de gênero, que soam como destinos de gênero. Dos três escritos de mulheres suicidas, encontrados junto a seus cadáveres, dois foram dirigidos a homens que com elas mantinham relacionamentos afetivos e/ou sexuais e o terceiro foi dirigido a uma amiga.

Maria, 35 anos, casada, ajudante de produção num grande frigorífico, escreveu em 29 de junho de 1992, a seu esposo: Amor, quero sair desta vida para outra vida, não quero mais fazer você sofrer por minha culpa, eu só tenho que desejar pra você felicidades, cuida bem da minha filha acerta a conta lá na Sadia e coloque na poupança em nome da Marina, não judia dela eu vou tirar a minha vida porque você vai me deixar eu sem você não posso ficar não chore porque eu não mereço.

Já Ilka, de 27 anos, que se suicidou em 04 de março de 1988, entre as declarações de amor escritas em uma caderneta e dirigidas a Amílcar, justificou seu ato em benefício da liberdade do amado: "Agora você está livre de mim, livre para voar."

O motivo que levou Paula, uma jovem enfermeira de 25 anos, a abandonar a vida deixando sua derradeira mensagem a uma amiga – "Te mando meu último abraço, só estou fazendo isso, pois não sou feliz" – não parece ter sido semelhante ao que moveu Maria e Ilka a se suicidarem, porém o tema foi o mesmo: ainda o amor. Não o amor passionai e extremo dos amantes não correspondidos (se acreditam assim), mas sim o amor fraterno entre pais e filhos. Segundo Wagner, amásio de Paula, a grande tristeza desta estava ligada ao desaparecimento de um filho que tivera com seu ex-marido e que estava sob guarda dos avós paternos.

O amor foi também tema das cartas masculinas. Yoshiro, um comerciante de 45 anos, que se suicidou em 09 de fevereiro de 1984, autor de nove bilhetes e uma carta, dirigiu esta última a sua mulher: "Sonhei sempre mais coisas boas com você e nossos filhos, mas infelizmente da minha parte fracassei, aqui não aguento mais, continue educando bem nossos filhos como você sempre fez." Aos três filhos deixou um bilhete, no qual afirmava saber da "grande decepção" que seu ato representava para todos eles, mas que não tivera "outra alternativa" e que então eles deveriam seguir "sempre a orientação da mãe, 'por favor' orgulhe da mãe que vocês têm porque o pai fracassou. O meu erro chegou a ser muito confiante com os outros".

A outra carta masculina encontrada é também uma carta de amor, porém não dirigida a alguém em especial. Em 27 de dezembro de 1982 José, 19 anos, solteiro, vigilante bancário, que viveu em um orfanato desde os três anos de idade, escreveu: "A solidão de minha vida, vivo sofrendo, por eu ser sozinho, estou desesperado já não aguento mais. Vivo jogado no mundo sem carinho sem amor. Vejo os outros jovens da mesma idade felizes, uns namorando outros por estarem conversando, tudo isso me dói no coração. Passei o Natal muito bem com as crianças que vivem como eu. Peço para vocês que vão ficar não deixe uma criança desamparada. Dê o carinho para elas senão mais tarde poderá seguir o mesmo rumo.

Variações sobre o mesmo tema – o amor –, as narrativas oriundas das cartas e bilhetes apresentados – conjugadas a vestígios provindos de outras fontes –, abre um leque de interrogações e possíveis relações que podem, ao ser descortinadas, revelar uma trama histórica complexa e intrincada, lançando luz sobre práticas e representações cotidianas, sobre as relações entre individual e coletivo, entre público e privado, relações, étnicas, de geração, de classe e gênero, num certo tempo e lugar. Sobre estas últimas – as relações de gênero –, mesmo a escrita fragmentária dos suicidas revela que certos padrões permanecem muito arraigados no imaginário individual e coletivo. Os papéis ideais de homens e mulheres, como: a conquista amorosa, a manutenção e o provimento do lar, o exemplo, a força..., atributos (naturalizados como) masculinos e o amor afetivo e filial, a responsabilidade pela manutenção do casamento, o cuidado com os filhos, atributos (naturalizados como) femininos, são reforçados nas mensagens de adeus dos suicidas.

Mesmo nestes, escritos derradeiros, onde se imagina não haver – tomada tão drástica de decisão – qualquer espaço para o segredo; mesmo estas, são marcadas “pelo cuidado no estabelecimento de relações”. Os escritos epistolares dos suicidas podem, como afirma Gomes, “combinar com grande facilidade o que vem do cotidiano/ordinário [das vidas comuns de gentes comuns] com o que vem do maravilhoso/extraordinário [o sonho, o projeto, o ideal imaginado...]”. São, neste sentido, espaços de construção / manutenção ou tentativa de romper uma imagem sobre a própria vida, pois como diz Ricouer, “a história de uma vida não cessa de ser revisada por todas as histórias verídicas ou fictícias que um sujeito conta de si mesmo. Essa revisão faz da própria vida um tecido de histórias narradas”.¹⁶

AUTORAS

1 Doutora em História. Professora do CCHS e do PPG em Desenvolvimento Regional e Agronegócios - Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Campus de Toledo.
E-mail: yonissa@unioeste.br

2 Bacharel e Licenciada em Ciências Sociais. Mestranda do PPG em Desenvolvimento Regional e Agronegócios - Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Campus de Toledo.
E-mail: keila_bb@hotmail.com

IMAGENS EM DOMÍNIO PÚBLICO

O suicida (Folha de rosto)

By **Édouard Manet** - (Circa 1877). The Bridgeman Art Library, Object 593052,

O desespero (abaixo)

By **Giotto di Bondone** - *Seven Vices Chapelle Scrovegni*. No momento da morte o demônio carrega a alma de uma mulher anônima; da mesma forma Judas Escariot é retratado em uma arte deste período, ao se enforcar.



SOBRE O ESCAVADOR

Lei nº 12.527/2011 [Confira o Aviso Legal]

Não cria, edita ou altera o conteúdo exibido. Todo o processo de coleta de dados cujo resultado culmina nas informações que repassa é realizado automaticamente, através de fontes públicas pela **Lei de Acesso à Informação (Lei nº 12.527/2011)**. O Escavador não substitui as fontes originárias da informação, não garante a veracidade dos dados nem que eles estejam atualizados. O sistema pode mesclar homônimos (pessoas do mesmo nome).

O **Centro de Valorização da Vida (CVV)** conta com pessoal dedicado a ajudar da melhor maneira. Se precisar apoio emocional ou perceber sinais de depressão entre em contato gratuitamente com **CVV** acessando o número **188**.